



autor: **José Fernando Jorge Duque**¹
Coronel Tirocinado de Artilharia (Ref)

Bateria de Artilharia N.º 118

1. Introdução

A Bateria de Artilharia 118 (figura 1) foi a única unidade mobilizada e aprontada pela Escola Prática de Artilharia (EPA) durante todo o período da Guerra do Ultramar. Em 1961, no início das hostilidades, sob o lema estratégico de Salazar, "para Angola e em força" as Escolas Práticas das três Armas combatentes constituíram-se, também elas, em unidades mobilizadoras, cada uma de sua unidade de escalão companhia; foram a Companhia de Caçadores 115 mobilizada e aprontada na Escola Prática de Infantaria (EPI), o Esquadrão de Cavalaria 122 na Escola Prática de Cavalaria (EPC) e a Bateria de Artilharia 118 na EPA. Foi uma missão que não voltou a ser cometida às Escolas Práticas, porque se pensou que elas deviam ser reservadas para outras missões de formação.

Esta subunidade independente teve, no momento em que foi mobilizada, a designação de "Bateria de Artilharia tipo Companhia de Caçadores"; foi assim que foi publicado no Anexo à Ordem de Serviço n.º 106, de 03Mai61, da EPA. A designação dada pelos Estados-Maiores a este tipo de unidades de Artilharia (e paralelamente às de Cavalaria), organizadas, equipadas e treinadas para missões de Infantaria foi mais tarde alterada para "Companhia de Artilharia n.º ²". O Comandante da Bateria de Artilharia 118, Capitão de Artilharia Vítor Manuel da Silva Correia, porém, no cumprimento estrito do teor da Ordem de Serviço da EPA e em nome do espírito artilheiro, tão forte em Vendas Novas, nunca assumiu tal designação. Por isso, na documentação militar coeva surgem ambas as designações para a mesma unidade e tal situação causou por vezes confusões. Assim, podem ser encontradas em documentos históricos referências a um Batalhão de Artilharia n.º 118, que nunca existiu. Por uma questão de tributo àquele que foi o seu comandante, ao longo deste trabalho será mantida a designação de Bateria 118.

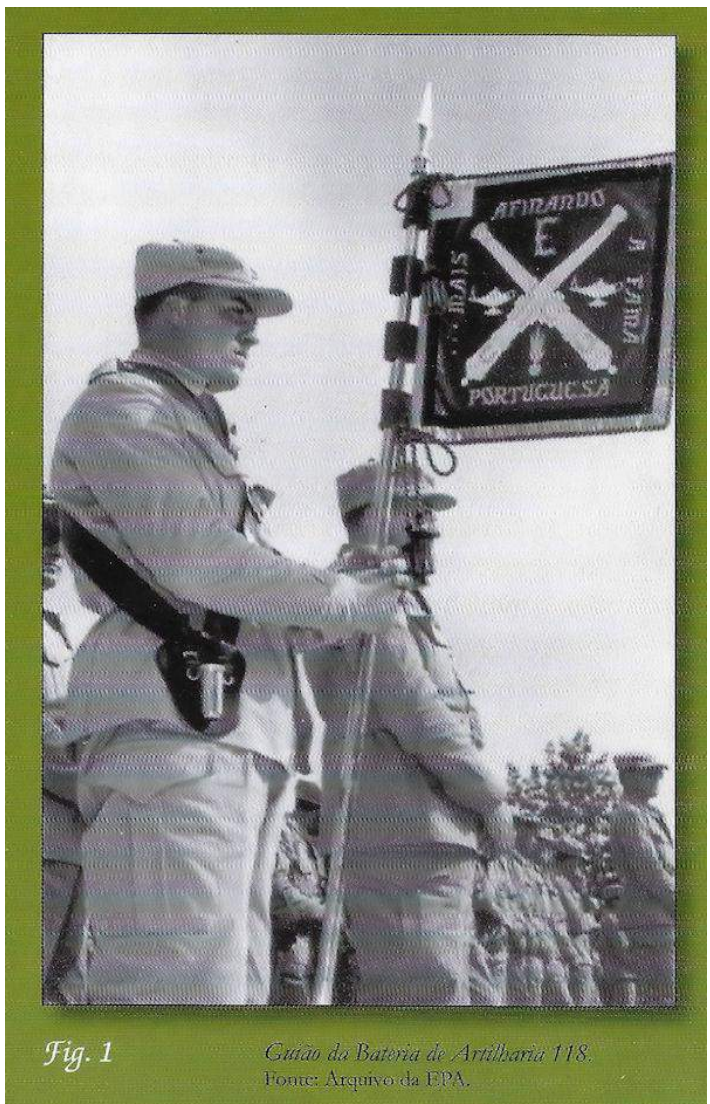


Fig. 1

*Grão da Bateria de Artilharia 118.
Fonte: Arquivo da EPA.*

¹ - Coronel Tirocinado de Artilharia (Ref).

² - No Plano de Mobilização (Secreto), de 18Abr61, do EME — 1ª Rep, inserido a pag 124 da Resenha Histórico Militar das Campanhas de África - 1º Volume, surge esta dicotomia: é listada a Bateria 118 com a abreviatura "Bat118" depois rasurada e emendado à mão para "CArt 118".

Outro aspecto que importa assinalar é que no início das Campanhas do Ultramar, às unidades de escalão companhia não era exigido que redigissem e enviassem ao Estado-Maior do Exército (EME) as suas Histórias da Unidade; apenas as unidades de escalão batalhão o faziam. Rapidamente se verificou os inconvenientes desta medida, pois as companhias independentes, uma vez desmobilizadas, correram o risco de cair no esquecimento histórico. Este facto também afectou o presente trabalho, visto que a documentação existente sobre a Bateria 118 é quase nula.

A bibliografia é igualmente escassa neste tema: O trabalho de compilação, exaustivo, realizado pela CECA³ é omissivo no que respeita à Bateria de Artilharia 118. Ela não é mencionada nas listas de unidades, nem tem ficha de Unidade; não são mencionados os seus resultados operacionais, pois eles foram creditados às unidades de escalão Batalhão que a Bateria reforçou. Apenas aparece mencionada na composição e articulação de forças das operações de grande envergadura e nos dispositivos dos Batalhões que reforçou e dos Sectores a que esteve atribuída. Ressalva-se que, no respeitante aos militares da Bateria 118 que morreram em Angola a referida Resenha Histórico Militar é suficientemente explícita. Em 2009, a EPA publicou a sua História da Unidade de autoria de Artur Aleixo Pais que dedica cerca de uma página à Bateria 118.⁴

Da insuficiência bibliográfica atrás referida decorrem dois aspectos aparentemente contraditórios mas complementares: o primeiro é a dificuldade e limitação para a feitura deste trabalho; o segundo aspecto é a grande importância da decisão da EPA ao ter decidido incluir este tema nas Comemorações dos seus 150 anos.

Em primeiro lugar a limitação que o foi para a realização deste trabalho: A bibliografia é praticamente inexistente; as fontes históricas são escassas; o trabalho começou por ser esboçado com base na memória de quem viveu a realidade da Bateria 118; mas a memória é falível sobretudo quando se passou já quase meio século; lançou-se mão da correspondência pessoal enviada de Angola aos familiares, de álbuns fotográficos, uns pessoais outros da EPA; buscaram-se outras recordações; cruzaram-se memórias, lembranças e recordações com outros Oficiais, Sargentos e Praças que pertenceram à Bateria 118; analisaram-se as histórias de unidade dos Batalhões que a Bateria reforçou e dos Comandos de Sector a que esteve atribuída (Comando Operacional n.º4, Batalhões de Caçadores 109, 153 e 184 e o Batalhão de Cavalaria 345). Por fim, o Arquivo Primário da EPA através das suas Ordens de Serviço contemporâneas da vivência da Bateria 118 forneceu a confirmação de muitas datas e ocorrências.

Salienta-se a este propósito uma iniciativa da EPA do início deste século: por ocasião da constituição e ampliação do seu Museu. A EPA fez nessa ocasião uma recolha de fotografias e documentos sobre a Bateria 118, alguns dos quais estão patentes ao público.

Pena é que não tenha sido possível encontrar o rasto do espólio arquivístico da Bateria 118, o qual, sem dúvida, esclareceria os principais pontos de penumbra deste esforço para visitar o passado. Seria importante, por exemplo a compilação exaustiva dos nomes dos militares feridos em combate e em

Bateria de Artilharia 118 (Escola Prática de Artilharia)

campanha e as circunstâncias das respectivas ocorrências; seria também possível abordar o importante capítulo da justiça e disciplina que assim ficou quase omissa.

Ficam em aberto, para futuras investigações históricas, estes pontos de sombra, retomando uma iniciativa da EPA no ano 2003-04 ao nomear o Aspirante Tirocinante Nuno Silva, orientado pelo Capitão de Artilharia Paulo Ferreira, para efectuar uma investigação sobre esta unidade, em resultado da qual foi publicada uma pequena resenha, centrada sobretudo na fase de embarque.⁵

Em segundo lugar, salienta-se que estas insuficiências conferem ainda mais a importância à referida iniciativa da EPA ao ter incluído este tema nas suas Comemorações dos 150 anos. Ao contactar qualquer militar que foi da Bateria 118, pode ser constatado o sentimento geral de desejo que o seu esforço e sacrifício em África não caia no esquecimento e tenha merecido finalmente a justa atenção.

O objectivo deste trabalho é pois, fazer o registo dos factos que o tempo não apagou das memórias dos militares que serviram o seu País e as suas Forças Armadas e a EPA na Bateria de Artilharia 118, de 04 de Junho de 1961 a 03 de Setembro de 1963, em terras de Angola, deixando espaço aberto para ir mais além com uma investigação mais aprofundada que o tempo disponível, desta vez, não permitiu.⁶

³ - Comissão para o Estudo das Campanhas de África (1961-1974) - Resenha Histórico-Militar das Campanhas de África (1961-1974 - Ed. Estado Maior do Exército, 1988.

⁴ - Artur Aleixo Pais - EPA das Origens ao alvorecer do II Milénio p 152-153.

⁵ - Trabalho realizado por Asp — Al Nuno Silva (do TPO 03-04) e orientado por Capitão Art Paulo Ferreira, sendo Comandante da EPA o Coronel de Artilharia Rovisco Duarte. Esta resenha sob a epígrafe "Bateria de Artilharia 118" tem 10 páginas incluindo a relação do pessoal mobilizado e várias fotografias.

⁶ - Apesar dos esforços não é seguro que todas as datas referidas neste trabalho estejam correctas. Quando não existe certeza, a data é seguida da letra c. (cerca de).

2. Enquadramento

A sublevação armada de alguns povos do Norte de Angola contra o poder colonial tem um marco geralmente aceite como início: o ataque às prisões de Luanda em 4 de Fevereiro de 1961, por elementos do Movimento Popular para a Libertação de Angola (MPLA). O início da sublevação e da violência foi, no entanto, mais cedo e ocorreu no distrito de Malange: em 11 de Janeiro do mesmo ano quando teve início a revolta armada dos povos da Baixa de Cassange. Esta revolta para além de ter sido instigada por outro movimento independentista (União dos Povos de Angola - UPA)⁷ foi motivada pela opressão e maus-tratos dos capatazes e agentes da empresa algodoeira COTONANG e pela disposição legislativa, marcadamente colonialista, mas entendida aceitável na altura, que obrigava os povos da região a cultivar algodão que deviam depois vender à empresa concessionária. Não teve pois um objectivo estratégico marcadamente independentista, como ocorreria cerca de dois meses mais tarde. Depois de controlada a revolta e pacificada a região pelas 3ª e 4ª Companhias de Caçadores Especiais viria a caber à Bateria 118, cerca de um ano e meio mais tarde, como à frente será descrito, manter a paz na região e vigiar a fronteira com a então República do Congo⁸, na segunda parte da sua comissão.

As acções da UPA/FNLA⁹ em larga escala no Norte de Angola, já com um objectivo mais visível de controlar o território e alcançar a independência tiveram início em 15 de Março de 1961 e abrangeram os distritos de Zaire, Congo/Uige, Luanda, Quanza Norte e Malange¹⁰. Numa primeira fase essas acções da UPA visaram o extermínio generalizado dos colonos portugueses e, em muitos locais, foram de violência e selvajaria inauditas. Várias estimativas consideram que, nesta fase, tenham sido chacinados

Bateria de Artilharia 118 (Escola Prática de Artilharia)

cerca de um milhar de homens, mulheres e crianças, fazendeiros brancos, na região central do Norte de Angola¹¹.

⁷ - A UPA usou para sublevar os povos da região motivações religiosos (por ex: Maria, mãe de Jesus não quer que negros sofram e ela manda atacar o branco); superstições (p.ex a bala do branco não mata é feita de água). Os feiticeiros foram, em muitos casos os agentes mobilizadores para estas ideias.

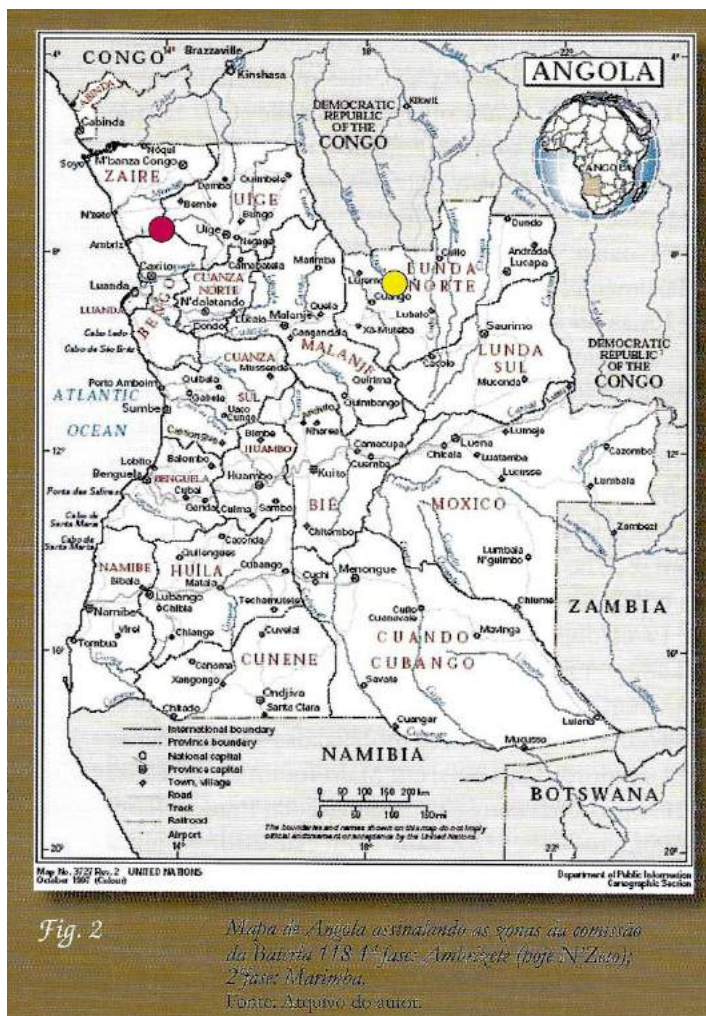
⁸ - A então designada República do Congo, fora anteriormente o Zaire e em 1964 adoptou o nome de República Democrática do Congo.

⁹ - A UPA passou a auto-designar-se Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) em 1962, pelo que a designação geralmente adoptada para este movimento independentista foi UPA/FNLA.

¹⁰ - Era a designada Zona Sublevada do Norte que correspondia à Zona de Intervenção Norte (ZIN) onde as tropas tinham 100% de aumento de tempo de serviço.

¹¹ - O 3º principal movimento independentista seria a UNITA que surgiu em 1966.

Em todo o caso e salvo raras excepções não coube à Bateria 118 viver esses cenários dantescos, mas sim operar em ambientes operacionais que não passaram pela fase de terrorismo puro, mas transitaram directa e rapidamente duma situação de sublevação latente para a fase de grupos armados e a seguir para a fase de guerrilha bem organizada com combatentes destemidos e bem treinados.



A faixa costeira do distrito do Zaire viveu, inicialmente, um nível de violência mais baixo do que as zonas do interior pelo que a prioridade estratégica de atribuição de meios, pelo Quartel-general da Região Militar de Luanda (RMA), foi dada aos outros sectores, considerados mais perigosos. Este facto explica algumas das dificuldades vividas pela Bateria 118 na primeira fase da sua comissão, que estando na dependência dum Comando de Sector operacional com sede no litoral (Ambrizete), passou a maior parte da comissão no interior (Bessa Monteiro).

O esforço de guerra do Exército Português foi inaudito nos primeiros meses de 1961; em Março seguiram para Angola 2 Companhias de Caçadores Especiais; em Abril foram mobilizadas 4 Companhias de Caçadores Especiais; em Maio foram mobilizadas 22 Companhias entre elas as das Escolas Práticas (com os números 115, 118 e 122). Com este esforço súbito inicial da componente de combate, a logística não conseguiu acompanhar tendo surgido várias rupturas de abastecimentos e outras, que foram bem sentidas pela Bateria 118 na primeira fase da

sua comissão, tal como por muitas outras unidades.

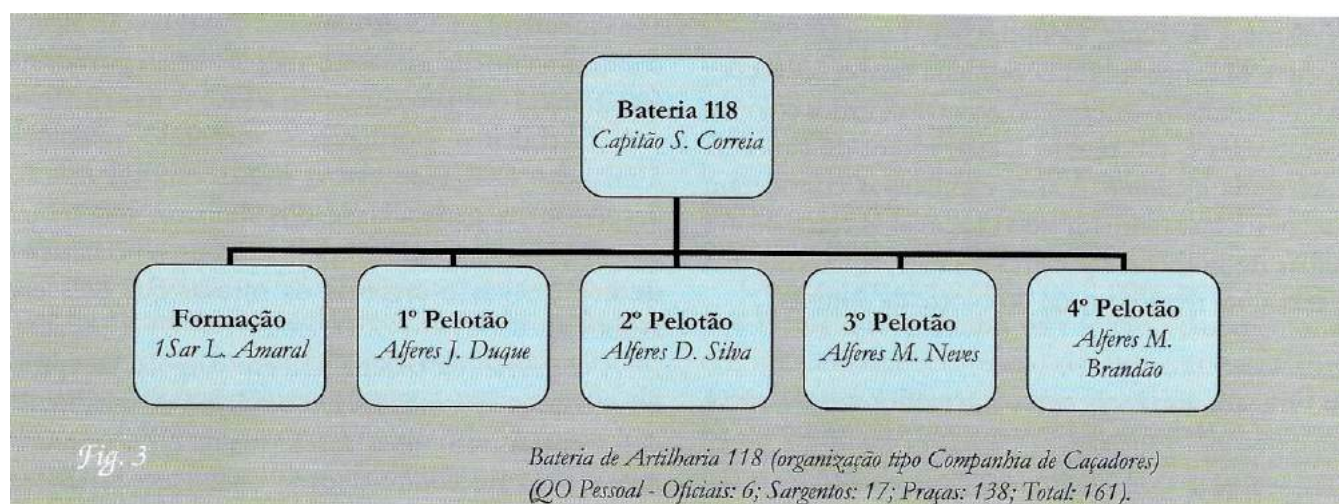
Bateria de Artilharia 118 (Escola Prática de Artilharia)

Foi para este teatro de operações que a Bateria 118 embarcou em 03 de Junho de 1961, já com algum conhecimento da situação, mercê das reportagens fotográficas que iam chegando a Lisboa das chacinas dos fazendeiros portugueses incluindo mulheres e crianças. Longe de causar medo, esta divulgação despertou na generalidade dos militares um moral elevado, intensa motivação e consciencialização da importância e urgência da missão que lhes era atribuída.

A comissão da Bateria 118 em Angola, tal como aconteceu com a maioria das unidades de quadrícula dessa época, teria duas fases (figura 2): a primeira numa zona de conflitualidade mais elevada (Bessa Monteiro) e a segunda numa zona menos perigosa (Marimba).

3. Mobilização e aprontamento

Recebida na EPA a missão de mobilizar uma unidade de escalão companhia para Angola e conhecido o respectivo modelo organizativo (figura 3), a Ordem de Serviço n.º106, de 03 de Maio 1961¹², sob o título "Bateria de Artilharia 118 — tipo Companhia de Caçadores", nomeou o Comandante da Bateria Capitão de Artilharia José Vítor Manuel da Silva Correia, 5 Subalternos, sendo 4 Comandantes de Pelotão (Alferes de Artilharia José Fernando Jorge Duque, Aspirantes a Oficial Miliciano José Luís Duarte Silva, Mário Araújo de Abreu Brandão e Mário Ferreira Neves e um médico¹³), 17 Sargentos, sendo 7 do Quadro Permanente e 133 Praças. Foram nessa ocasião mobilizados 156 militares de um total orgânico de 161.



Os efectivos mobilizados inicialmente não preenchiam a totalidade do Quadro Orgânico de pessoal; alguns complementamentos apresentar-se-iam ao longo da segunda metade do mês de Maio, vindos de outras unidades, designadamente os enfermeiros e alguns condutores. Havia por outro lado alguns militares na situação de reserva de mobilização para o caso de algum dos mobilizados ser desnomeado por doença, ou por outro impedimento, o que de facto viria a acontecer.

Salienta-se que a maioria destas praças (a quase totalidade dos que faziam parte dos Pelotões de Atiradores) pertencia às várias Baterias da EPA e haviam sido recrutadas na área de Vendas Novas, o que explica a grande ligação afectiva entre a Bateria de Artilharia 118 e a população civil de Vendas Novas.



Fig. 4

As Senhoras de Vendas Novas a oferecer uma medalha de N. Senhora de Fátima a cada militar da Bateria 118, na Cerimónia de despedida na EPA.

Fonte: Arquivo do autor.

No dia seguinte à mobilização, em 04 de Maio de 1961, a Bateria 118 foi enviada para a EPI, em Mafra, para um período de 15 dias de instrução de aperfeiçoamento operacional, que neste caso visava adquirir prática de operação do armamento de infantaria, e técnicas de combate de infantaria e tática de contra-guerrilha.

Poucos dias depois da ordem de mobilização, o Comandante da Bateria 118 publicou, em 11 de Maio de 1961, a composição e articulação da Bateria que incluía os já nomeados na Ordem de Serviço da EPA, mais alguns que entretanto tinham sido mandados apresentar. Neste momento já estava nomeado quase todo o efectivo orgânico: 6 Oficiais, 18 Sargentos e 137 Praças, totalizando 161 militares.

Em 18 de Maio de 1961, terminada a instrução em Mafra, a Bateria 118 foi considerada pronta, regressando a Vendas Novas. Todo o pessoal iniciou um período de 7 dias de licença de mobilização que terminou a 25 de Maio de 1961. Passando, assim, nesta data a unidade à situação de "a aguardar embarque", o qual em breve seria marcado para 03 de Junho de 1961.

A 02 de Maio [Junho] de 1961 tiveram lugar na EPA as cerimónias militar e religiosa de despedida da Bateria 118, com a assistência de muita população civil. Estas cerimónias incluíram desfile, formatura geral da EPA na parada exterior, entrega e bênção do Guião da Bateria, uma alocução às tropas mobilizadas pelo Comandante da EPA, uma missa campal e oferta à Bateria 118 de uma imagem de Nossa Senhora de Fátima pela população civil de Vendas Novas. As senhoras de Vendas Novas ofereceram, ainda, a cada militar, pessoalmente, uma medalha de Nossa Senhora de Fátima (figura 4). Nestas cerimónias estiveram presentes as "Relíquias de D. Nuno Álvares Pereira".

Bateria de Artilharia 118 (Escola Prática de Artilharia)

O guião da Bateria 118 era semelhante ao da EPA sobre o qual foi aposta a designação "118" bordada a ouro. Foi confeccionado por senhoras de Vendas Novas e entregue, durante a cerimónia de despedida, ao Comandante da EPA, Coronel Tirocinado de Artilharia José A. Santos Monteiro¹⁴, pelo presidente da Junta de Freguesia de Vendas Novas, António José da Silva que depois o entregou solenemente ao Comandante da Bateria 118.

O Comandante do 1º Pelotão seguiu nesse dia para o cais da Rocha Conde de Óbidos a fim de efectuar o reconhecimento do cais e do navio Vera Cruz, com vista ao embarque da Bateria 118 na manhã seguinte.

¹² - Coincidência curiosa é o facto desta Ordem de Serviço ter sido assinada pelo 2º Comandante da EPA, Tenente-Coronel de Artilharia Guilherme Pires Monteiro, que em princípios de 1962 viria a ser, em Angola, o Comandante do Sector 4 com sede em Ambrizete de que dependia a Bateria 118.

¹³ - O Aspirante Miliciano Médico José Guimarães dos Santos nunca se apresentaria, pelo que a Bateria viveu algum tempo sem médico; seguiu-se depois uma série de mais três médicos que, cada um por sua vez, passaram pela unidade quase como meteoros: o tenente médico da Força Aérea Ezequiel Luzio Mendes, que deixou a unidade em 14Set61 o alferes miliciano paraquedista médico Henri-que Paulo das Neves Soudo que se apresentou em 07Out61 saindo cerca de um mês depois., o Alferes Francisco Azevedo Keating que chegou em Mai62 e morreu num acidente de viação em em 07Ju162. Finalmente em Outubro de 1962, já em Marimba é colocado na Bateria 118 o Alferes médico Mário Rebelo Queiroz que acompanhou a unidade até ao fim da comissão.

¹⁴ - Coincidência curiosa é o facto do Comandante da EPA, Coronel Tirocinado José A. S. Monteiro ser filho do Tenente Bessa Monteiro, que deu o nome à povoação angolana onde a Bateria passaria a maior parte da sua comissão.

4. De Vendas Novas a Luanda

Eram 02h48 da madrugada, de 03 de Maio [Junho] de 1961, quando partiu de Vendas Novas um comboio especial transportando a Bateria 118 para ao Cais de Alcântara onde chegou ao amanhecer. Num primeiro tempo carregaram-se as bagagens, seguindo-se a formatura geral de todas as tropas que iriam embarcar. Pelas 10h00 as unidades desfilarão prestando continência ao Chefe do Estado-Maior do Exército (CEME), General Câmara Pina e embarcaram no navio Vera Cruz acostado no cais da Rocha Conde de Óbidos. Antes da partida o General CEME ainda subiu a bordo para ter uma reunião nos salões da 1ª classe com os Oficiais embarcados e apresentar as despedidas.

Este navio efectuava um transporte misto de passageiros civis e militares; estes estavam subordinados ao militar de maior graduação, que assumiu a função de Comandante das Forças Embarcadas. Foi, também, nomeado um Oficial da Armada como Comandante de Bandeira que simbolizava a autoridade naval num navio que, sendo civil, adquiria dessa forma um estatuto de quase navio de guerra; o Comandante de Bandeira era, também, responsável pela disciplina a bordo.

Após nove dias de navegação, alguns dos quais em regime de "block-out" de luzes devido a possíveis ameaças na região do Golfo da Guiné, começou a ser visível a linha de costa angolana.

Pela tarde do dia 12 de Junho de 1961 o navio Vera Cruz acostou ao cais do porto de Luanda com uma grande moldura humana saudando os militares que acabavam de chegar. Seguiu-se o desfile na marginal de Luanda (figura 5) e as tropas dirigiram-se aos seus destinos provisórios em Luanda para efeito de recepção e aprontamento do material. Coube à Bateria 118 ficar adida ao Grupo de Artilharia de Luanda e os Oficiais ficaram alojados, dormindo no chão, num prédio devoluto na Avenida dos Combatentes. A situação administrativa da Unidade como um todo e do pessoal, individualmente, era de reforço à guarnição normal da Região Militar de Angola.



Fig. 5

Desfile da Bateria 118 em Luanda.
Fonte: Arquivo do autor.

Nas raras dispensas de que os militares puderam usufruir para sair do Quartel foi possível conhecer um pouco da cidade e beneficiar da simpatia dos portugueses residentes em Luanda, que se disponibilizavam para mostrar a cidade e oferecer uma ou outra refeição em suas casas, numa atitude genuína de boas-vindas e de alívio da tensão em que se vivia em Luanda nessa altura.

Os dias seguintes seriam de azáfama para a recepção de armamento, viaturas, munições e outros materiais, uma vez que a Bateria 118, tal como todas as outras unidades viajou sem as suas cargas orgânicas; apenas viera dotada do seu fardamento. O uniforme de combate era de caqui amarelo; os camuflados só seriam recebidos em 1962. Esta fase dura nove dias e foi complexa, porque as equipas de recepção tinham de se deslocar aos vários depósitos militares localizados em diversos pontos da cidade.

Como equipamento principal a Bateria 118 foi dotada do seguinte armamento individual:

- Espingarda 7,9 mm Mauser m/937 (em 1962, a Espingarda Mauser seria substituída pela Espingarda automática 7,62 mm FN m/962);
- Pistola Metralhadora 9 mm Uzi m/961;
- Pistola 9 mm Walther m/961;
- Como armamento colectivo foi-lhe atribuído:
 - 1 Lança Granadas Foguete 89 mm m/952 por Pelotão;
 - 1 Metralhadora ligeira 7,9 mm, Dreyse, m/938 por secção de atiradores;
 - 1 Morteiro ligeiro 60mm M2, m/952 por Pelotão;
 - 10 Metralhadoras Pesadas 7,9 mm, Breda m/938.

Bateria de Artilharia 118 (Escola Prática de Artilharia)

No que respeita a viaturas, a situação era deficiente e sempre condicionaria a capacidade operacional da Bateria 118. Aliás muitas viaturas, já com muitos anos de vida, tinham saído dos depósitos gerais do Exército onde constituíam as cargas orgânicas e de reserva de guerra da 3a Divisão de Infantaria, compromisso operacional português para a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Inicialmente foram atribuídas à Bateria as seguintes viaturas:

- 1 Auto TG 1/4 ton 4x4 Jeep m/44;
- 6 Auto TG 3/4 ton 4x4 Dodge, m/48 (jipão);
- 3 TG 2,5 ton, 6X6, GMC m/52.

Mais tarde, já em 1962, a Bateria receberia mais 6 Auto TG 1/4 ton 4/4 , Willys.

No capítulo das transmissões o equipamento é escasso: a Bateria dispõe do E/R AN GRC 9 de sintonia manual e bastante pesado. Este emissor receptor era relativamente fiável mas a sua operação era uma verdadeira arte. Ele garante a rede de comando do Sector, ou seja a ligação do comando da Bateria ao Comando do Sector, a rede de comando da Bateria, ou seja a ligação da sua sede aos vários destacamentos e a rede de operações, isto é a ligação a colunas auto e a forças apeadas em operações. Para estas operações apeadas eram usados carregadores nativos contratados e a fonte de alimentação era um gerador manual. Nestas circunstâncias a antena tinha de ser estendida entre duas árvores afastadas mais de uma dezena de metros.

Para além deste equipamento a Bateria dispõe do equipamento portátil, E/R AVP1 que, dadas as suas limitações, apenas serve para ligação com a Força Aérea.

Aproveitam-se os dias de aprontamento para distribuir o armamento e familiarizar o pessoal com o mesmo.

5. De Luanda a Ambrizete

Em 21 de Junho de 1961 a Bateria ficou pronta para seguir para o teatro de operações após ter recebido as suas cargas orgânicas e depois de ter recebido das várias Repartições do Quartel General os briefings de situação e a missão que lhe caberia no Norte (Zona Sublevada do Norte ou Zona de Intervenção Norte). A missão recebida em Luanda era estabelecer-se em Ambrizete¹⁵, garantir a segurança da vila rendendo nesta tarefa um Pelotão de fuzileiros da Armada e assumir as responsabilidades de unidade de quadrícula na dependência operacional do Batalhão de Caçadores 109, cujo comando se localizava na mesma vila e que desempenharia, também, a função de Comando de Sector operacional.

Nesse mesmo dia foram atribuídas à Bateria uma dezena de viaturas civis com respectivos condutores para completar a motorização e para transportar os seus materiais, dotações orgânicas e abastecimentos.

No dia seguinte, 22 de Junho de 1961, depois de municiar as armas individuais, organizou-se a coluna e pelo fim da manhã, com a escolta de um Pelotão de Cavalaria (Dragões de Luanda) equipado com duas auto-metralhadoras Panhard iniciou-se o movimento para o Norte pelo itinerário Grafanil - Cacucaco - Fazenda Tentativa - Caxito - Fazenda Tabi - Ambriz - Fazenda Loge - Musserra - Ambrizete.

Bateria de Artilharia 118 (Escola Prática de Artilharia)

Tinham passado poucas horas desde a sua saída de Luanda quando a Bateria tem o seu batismo de fogo ao atravessar os palmeirais da Fazenda Tentativa: ouvem-se alguns tiros a cerca de uma centena de metros da estrada; os militares da Bateria põem as suas armas em riste, balas na câmara, mas os graduados não permitem que se abra fogo¹⁵, pois não havia razão para isso; a escolta dos Dragões responde com algumas curtas rajadas, as auto-metralhadoras investem pelo capim; em poucos minutos voltou a calma e prosseguiu-se o movimento para o Norte. Ao cair da noite a coluna chegou a Ambriz onde pernoita. A vila havia sido fortemente atacada na véspera e, ainda, havia vestígios dos combates; a guarnição procedia à limpeza dos campos de tiro.

¹⁵ - A designação actual de Ambrizete é N'Zeto

¹⁶ - As tropas recém-chegadas a Angola eram apelidadas pelos veteranos de "maçaricos", devido à sua tendência quando em situações de combate eminente disparar as suas armas sem um alvo bem definido.

Em 23 de Junho de 1961 pela manhã a coluna iniciou o movimento em direcção à Fazenda Loge, nas margens do Rio com o mesmo nome e não muito distante da sua foz, um percurso de cerca de uma hora. Este é um ponto estratégico de acesso ao Norte, pois a jangada ali existente é o único meio de transposição do Rio Loge, que permitia a ligação de Luanda a toda a faixa litoral do Norte angolano (Ambrizete, Santo António do Zaire, e a S. Salvador, mais no interior). Ali o Pelotão de Dragões, terminou a sua missão de escolta à Bateria 118. A Bateria assumiu a responsabilidade pela sua segurança. Iniciou-se de imediato a travessia do Rio Loge, a um ritmo de uma viatura pesada por hora, adoptando as necessárias medidas de segurança; naquele local o rio tinha mais de 100 metros de largura, é caudaloso e as suas águas sabem-se infestadas de crocodilos. Contactou-se o encarregado da Fazenda (Senhor Costa) que residia na margem norte e prestou todo o apoio logístico possível à Bateria 118. Içou-se a Bandeira Nacional com honras militares na Fazenda, com grande satisfação dos civis ali residentes. Ao fim do dia, porém, travou-se contacto com outro inimigo de peso, os mosquitos, que às centenas e sem dó nem piedade transformam as noites dos militares em pesadelos e seriam durante boa parte da comissão a principal causa das baixas por doença, apesar dos anti-palúdicos tomados regularmente.

A travessia do Rio Loge durou mais dois dias e em 26 de Junho de 1961 a Bateria 118 organizou-se em coluna em direcção a Ambrizete, onde chegou cerca do meio-dia depois de ter percorrido quase 300 quilómetros desde a sua saída de Luanda.

O Comandante da Bateria 118 apresentou-se ao Comandante do Batalhão de Caçadores 109 (BCaç109) que havia chegado a Ambrizete poucos dias antes. O Comando deste Batalhão estava localizado numa missão católica abandonada dentro da vila e relativamente perto da praia. A Bateria passou à situação de unidade de reforço a este Batalhão e recebeu a sua missão, sendo uma das tarefas garantir a segurança da vila de Ambrizete. Esta tarefa foi assumida de imediato em substituição do Destacamento de Fuzileiros da Armada, que regressou à sua unidade no mesmo dia. As tropas instalaram-se na parte central da vila, acampando em armazéns e espaços vazios e aboletando os graduados e alguns serviços em casas de civis que, de bom grado, deram guarida aos militares recém-chegados.

6. A Bateria 118 no Sector de Ambrizete (26Jun61 a 26Ago62)

a. Missão inicial (Jun a Nov61)

Em 26 de Junho de 1961 a Bateria 118 constitui-se como unidade de quadrícula do Sector A (que em Julho passaria a ser designado por Sector 4), com a missão de garantir a segurança de Ambrizete (sede de circunscrição), Tomboco, Bessa Monteiro (sedes de postos administrativos e da Fazenda do Loge. Tinha, ainda, por missão desenvolver actividades de contacto com as populações sob controlo das autoridades portuguesas e realizar acção psicossocial¹⁷ onde aplicável. Tinha, ainda, a missão de pesquisa de notícias sobre actividades do Inimigo.

¹⁷ - A acção psicossocial de acordo com o Manual "O Exército na Guerra Subversiva", em vigor na altura, visava conquistar a simpatia das populações e retirar ao inimigo o controlo das mesmas.

b. A Zona de Acção de Ambrizete — Tomboco - Bessa Monteiro

A zona de acção atribuída à Bateria 118 era um quadrilátero com cerca de 120 km ao longo da costa e estendendo-se cerca de 120 km para o interior. Como atrás referido compreendia uma sede de circunscrição — Ambrizete e dois postos administrativos: Bessa Monteiro e Tomboco, localizados em importantes zonas de produção de café. Incluía, ainda, a Fazenda Loge, a cavaleiro do importante local de transposição do Rio Loge (com uma jangada motorizada) e que era um importante ponto de apoio no eixo logístico Luanda — Santo António do Zaire, conforme atrás referido.

A zona de acção era atravessada por um importante curso de água, o Rio M'Bridge, cujos pontos de passagem pelo inimigo importava vigiar. A sul, o Rio Loge fazia fronteira com o sector de Nambuanguongo, zona onde a guerrilha está muito activa e bem implantada. Os cursos de água secundários eram de grande importância táctica, pois era ao longo deles que o inimigo instalava as suas bases e que utilizava como linhas de penetração desde a República Democrática do Congo: Estão neste caso, entre outros menos importantes, os Rios Sembo ou Quissembo, na savana central da zona de acção drenando para o oceano e o Rio Luaia, afluente do Rio Loge.

Na faixa costeira da zona de acção predominava a savana e a floresta aberta de espinhosas, onde pontificavam como ícones vegetais os embondeiros. Mais para o interior e sobretudo nos vales predominava a floresta tropical de difícil acesso, a não ser pelos trilhos existentes. Nestas florestas, depois de limpas aos níveis inferiores, era cultivado o café robusta, protegido por árvores de sombreamento de grande porte. Os cafezais que tinham sido até aí a fonte de riqueza da zona, forneciam ao inimigo locais ideais para emboscadas com excelentes campos de tiro. Onde não havia floresta, o capim crescia abundante, chegando a atingir mais de três metros de altura. Esta vegetação herbácea causava grandes preocupações e exigia permanentes trabalhos de limpeza nos perímetros defensivos das povoações. As povoações de Tomboco e Bessa Monteiro estavam mergulhadas em densas florestas que dificultavam a vida aos defensores.

De entre as manchas florestais mais importantes salienta-se a Mata Sanga, às portas de Bessa Monteiro e desenvolvendo-se para sul da povoação. Era considerada a segunda maior floresta de Angola, a seguir à floresta do Maiombe em Cabinda. A Mata Sanga, nascente do Rio Sembo ou Quissembo era o refúgio dos guerrilheiros quando perseguidos, pois era considerada impenetrável¹⁸.

Bateria de Artilharia 118 (Escola Prática de Artilharia)

A rede viária era toda em terra batida - as estradas eram designadas por picadas — com o piso muitas vezes consolidada com terra de formigueiros salalé, a qual endurecia como o asfalto. Em muitos locais, em especial na zona de Tomboco e Bessa Monteiro, as elevações obrigavam as picadas a serpentear dentro das florestas densas, onde a vegetação escondia enormes rochedos graníticos, locais ideais para emboscadas às colunas auto.

Algumas das raras fazendas existentes estavam, ainda, em laboração quando a Bateria 118 chegou, mas a situação de segurança tornou-se volátil, contaminada por agentes da UPA/FNLA, tendo duas delas sido destruídas e num caso chacinados alguns trabalhadores nelas residentes. As aldeias - sanzalas - ao longo das picadas, também, estavam ainda povoadas no início, mas a partir de Agosto de 1961, com o agravamento da situação e sob coação dos agentes da UPA/FNLA, as populações fugiram, refugiando-se em zonas mais recônditas, em geral antigas localizações dos seus povoados antes de terem sido obrigados a transferir-se para junto das picadas.

¹⁸ - Várias foram as operações em que forças militares desde 1961 a 1966 tentaram infrutiferamente a travessia da Mata Sanga. Coincidência curiosa é o facto de a primeira vez em que se teve êxito na sua travessia ter sido uma força, em 1966 comandada por um capitão que fora subalterno da Bateria 118. Nessa operação notou um erro topográfico na cartografia então usada (os fotomapas 1:100.000), induzindo em erro as direcções de progressão das unidades dentro da floresta. O Rio Quisseumbo não nascia a leste da Mata Sanga como aparecia nos fotomapas mas sim a Norte da mesma; o rio que nascia a leste era afluente do Rio Loge, e inflectia dentro da floresta para sul. Tomando-o como referência nunca se atravessava a Mata Sanga.

c. O Inimigo

No Sector de Ambrizete o inimigo¹⁹ da Bateria 118 foi exclusivamente a UPA/MPLA. A zona de acção foi inicialmente um sector de passagem, mas em Agosto de 1961 começou a organizar as suas unidades de guerrilha, primeiro secções e nos últimos meses de 1961 dispunha já de várias bases importantes, à custa de efectivos de guerrilheiros, entretanto, chegados dos seus centros de instrução na República do Congo (designadamente na sede da UPA/FNLA em Kinkusu) e outros que haviam sido desviados de Nambuangongo e Bembe.

Nos sectores de Tomboco e Bessa Monteiro os guerrilheiros eram destemidos e muitos deles excelentes atiradores pois eram caçadores de caça grossa, abundante na zona, designadamente elefantes. Um dos chefes de guerrilha mais conhecidos da zona estava ainda ao serviço do Posto Administrativo de Bessa Monteiro, como cipaio, quando a Bateria 118 ali chegou; fugiu com a sua arma em Julho de 1961. Nas suas emboscadas

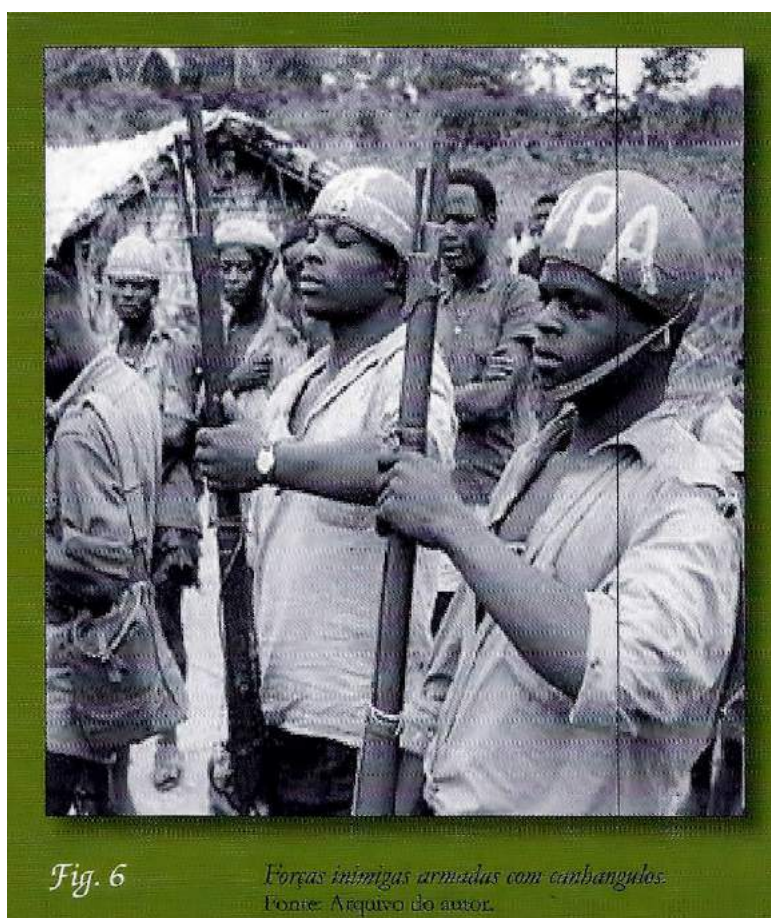


Fig. 6

Forças inimigas armadas com cambangulos.
Fonte: Arquivo do autor.

os guerrilheiros aproximavam-se a distâncias incrivelmente curtas (por vezes menos de cinco metros), aproveitando o abrigo e itinerários de retirada conferidos pela floresta e pelos rochedos. Dispunham inicialmente de algumas, mas poucas, armas de repetição de grande alcance e precisão e de grande quantidade de armas gentílicas de carregar pela boca (canhangulos - figura 6). Estas tinham alcance e poder de perfuração limitados, mas a curtas distâncias tinham grande efeito no corpo humano. Este facto levou a Bateria 118 a fazer blindagens improvisadas nas suas viaturas. Em finais de 1961 os guerrilheiros já dispunham de armas automáticas, designadamente as AK-47. Só no final da permanência da Bateria na zona de acção (Agosto de 1962) é que a UPA/FNLA começou a utilizar a táctica de emboscadas associadas a minas anti-carro. Na maioria dos casos a ausência de minas anti-carro permitia que as viaturas não ficassem imobilizadas e que saíssem da zona de morte das emboscadas, logo após os primeiros tiros.

Na periferia das secções e bases da UPA/FNLA residiam as populações sob o seu controlo com as suas novas palhotas e lavras, que garantiam a logística dos guerrilheiros e contribuía para a sua segurança, na medida em que as forças militares durante as suas operações, antes de chegarem aos guerrilheiros era quase forçoso encontrar as populações que alertavam os guerrilheiros. Só com grandes envolvimento, era possível obter surpresa, e para isso eram necessários conhecimentos aéreos precisos e informações fidedignas, na maioria dos casos inexistentes.

¹⁹ - O termo inimigo não era utilizado na altura, pelo menos politicamente. Na verdade o regime político de então admitia, eufemisticamente, que as Forças Armadas Portuguesas não estavam envolvidas numa "guerra"; mas apenas numa situação de subversão violenta conduzida por grupos instigados e com o apoio de países estrangeiros, limítrofes e pelas super-potências no quadro da guerra-fria. Assim as operações militares desenvolvidas em Angola e mais tarde nas outras colónias enquadravam-se não na Guerra do Ultramar, como hoje é assumido, mas sim nas "Campanhas de África".

d. Evolução do dispositivo da Bateria 118

Em 27 de Junho de 1961, dia seguinte à sua chegada a Ambrizete, a Bateria 118 começou a ocupar o dispositivo inicial que lhe foi cometido:

- Comando e o 3º Pelotão (menos duas Secções) com a missão de garantir a defesa de Ambrizete e da captação de água;
- Em 27 de Junho de 1961, o 4º Pelotão reforçado foi destacado para Bessa Monteiro;
- Em 28 de Junho de 1961, o 4º Pelotão destaca uma Secção sua para constituir um destacamento conjunto com outra Secção da CCaç 110/BCaç 109 no Zongo (30km a leste de Bessa Monteiro);
- Em 28 de Junho de 1961, o 2º Pelotão foi destacado para Tomboco;
- Também, em 28 de Junho de 1961, uma Secção do 3º Pelotão foi destacada para a Fazenda Loge.

A rotação dos destacamentos tinha uma periodicidade mensal e, assim, em finais de Julho cabe ao 1º Pelotão substituir o 4º Pelotão em Bessa Monteiro e ao 3º Pelotão substituir o 2º Pelotão em Tomboco. Sob o comando do Batalhão de Caçadores 109 o dispositivo da Bateria 118 teve uma característica original. Quer em Bessa Monteiro, quer em Tomboco, estiveram co-localizados Pelotões da Bateria 118 e pequenas equipas (3 a 6 militares) chefiadas por Oficiais de patente superior aos da Bateria 11, pertencentes ao BCaç 109: um Capitão em Bessa Monteiro e um Tenente em Tomboco. A situação assemelhava-se a mini-comandos militares dessas localidades que se sobrepunham aos destacamentos da Bateria 118. Esta solução foi abandonada rapidamente em Bessa Monteiro devido ao agravamento da situação nesta zona, que não permitia hierarquias paralelas. Manteve-se, porém, mais tempo em Tomboco, criando por vezes mal-estar e dando origem a um grave problema disciplinar, em princípio de

Bateria de Artilharia 118 (Escola Prática de Artilharia)

Agosto quando o Oficial do BCaÇ 109 tentou comandar directamente o Pelotão da Bateria 118, ultrapassando o verdadeiro Comandante de Pelotão.

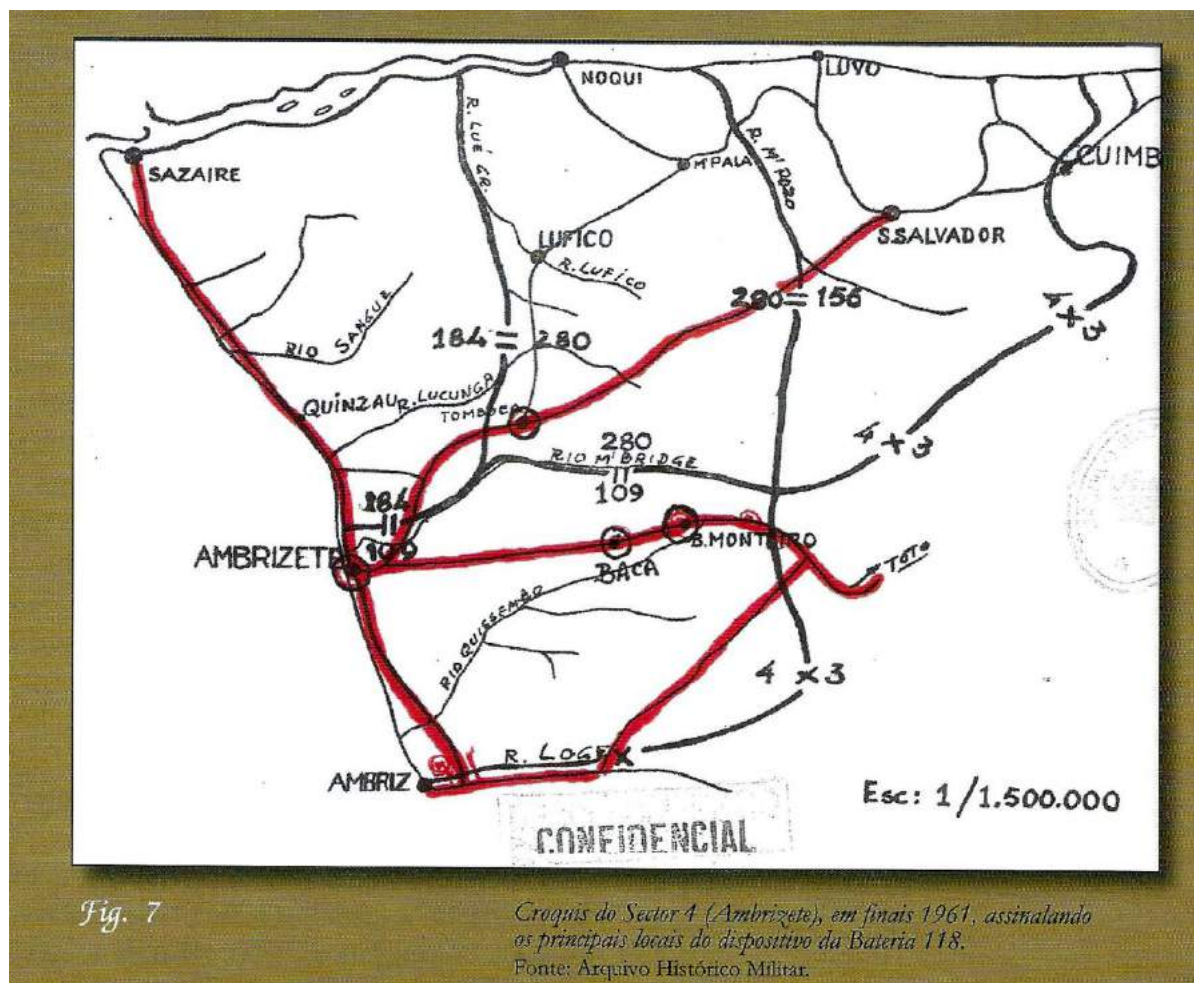
Em Agosto de 1961, o dispositivo do Sector de Ambrizete foi alterado: Tomboco passou a pertencer ao Batalhão de S. Salvador, pelo que a Bateria 118 deixou nessa altura de ter tropa destacada naquela localidade.

Nesta fase do conflito angolano o sistema logístico da Região Militar, ainda, não estava implantado; havia escassez em todos os domínios. Por exemplo, entre Junho e Agosto de 1961, em Ambrizete, a Bateria 118 não recebeu fundos para pagar os vencimentos e os militares, nos seus tempos livres não podiam beber uma cerveja nos poucos cafés existentes na vila; este era considerado um problema maior para o moral das tropas. A solução adoptada pelo Comandante de Bateria, foi emitir "papel-moeda", pequenos rectângulos de papel com o carimbo da Bateria e a assinatura do Comandante e com a inscrição do valor. Este "dinheiro" circulou localmente, sem qualquer problema, durante os meses iniciais da comissão.

O dispositivo inicial da Bateria 118 seria profundamente alterado com o agravamento da situação em Bessa Monteiro. Assim, em 15 de Novembro de 1961, toda a Bateria é destacada para missão de quadrícula em Bessa Monteiro, como à frente será referido.

Nesta nova fase do conflito no sector de Ambrizete já não havia destacamentos de Pelotão e muito menos de Secção. A unidade base da quadrícula passou a ser de escalão Companhia.

Em 07 de Janeiro de 1962 o Grupo de Cavalaria 345, comandado pelo Tenente-Coronel António Spínola chegou a Bessa Monteiro com a missão de intervenção, passando a Bateria 118 a reforçar esta unidade. Com o desenvolvimento das operações militares teve lugar em 22 de Maio de 1962 nova remodelação do dispositivo da Bateria 118 que é transferida para Baca, uma povoação abandonada a cerca de 30 km a oeste de Bessa Monteiro.



e. Actividade operacional - Sede da Bateria 118 e Destacamentos em Ambrizete (26Jun a 15Nov61)

A vila de Ambrizete, hoje n'Zeto, era constituída quase exclusivamente por edifícios de um só piso e dispersos. Tinha mar e praia, mas não tinha porto; dispunha de uma pista de aviação, servida por uma carreira regular da companhia de transportes aéreos de Angola; tinha uma missão católica que fora abandonada recentemente. Era sede de circunscrição; dispunha de uma prisão e uma delegação da PIDE²⁰. Na periferia alongava-se um colar de povoações nativas que faziam a sua vida aparentemente normal.

A Bateria 118, com o remanescente dos seus efectivos não destacados garantia a defesa da vila de Ambrizete através de uma rede de postos de vigilância complementados por patrulhas nocturnas. Por vezes montava emboscadas nas salinas limítrofes onde havia notícias de roubo de sal por elementos da UPA. Destacou uma Secção para segurança da captação de água a alguns quilómetros da vila para além da já referida Secção destacada na Fazenda Loge. Efectuava patrulhas frequentes, quer a esta Fazenda, quer a Quinza, onde se encontram forças do Batalhão 109.

Em 18 de Setembro de 1961 forças do Batalhão de Caçadores 109 e da Bateria de Artilharia 118, suspeitando de contactos entre a população negra da vila de Ambrizete e elementos da UPA/FNLA, efectuaram uma rusga concentrando 610 homens no campo de futebol para identificação. Os resultados desta rusga não foram significativos.

²⁰ - A PIDE / DGS em Angola não tinha a conotação de polícia política que tinha na "Metrópole". Desempenhou um papel muito importante para as Forças Armadas de serviço de informações estratégicas e táticas.

f. Destacamento de Tomboco (28Jun a Ago61)

Primeiro o 2º Pelotão (mês de Julho de 1961) depois o 3º Pelotão (mês de Agosto de 1961), destacados em Tomboco asseguraram a defesa da povoação, constituída pela sede do Posto Administrativo, por uma missão católica com 2 padres belgas e alguns estabelecimentos comerciais.

Em 05 de Julho de 1961.c. uma Secção do 2º Pelotão deslocara-se a urna serração limítrofe da povoação para obter madeira para a blindagem das viaturas e foi alvo de uma flagelação com alguns tiros de arma ligeira, sem consequências; esta foi a primeira acção de combate em que a Bateria 118 se viu envolvida.

Alguns dias depois (10 de Julho de 1961.c.) uma coluna mista do 2º Pelotão da Bateria 118 e elementos do BCaç 109, em missão de abertura do itinerário de Tomboco para S. Salvador, foi alvo de uma emboscada tendo as forças da Bateria 118 sofrido 3 feridos graves; alguns dias mais tarde, na mesma zona e na continuação desta missão, a coluna, ao deparar-se com uma vala aberta na picada, foi alvo de nova emboscada que causa alguns feridos entre os militares do Batalhão 109.

Entretanto, o 2º Pelotão em meados de Julho desenvolveu várias acções de controlo das passagens do Rio M'Bridge, onde vários elementos da UPA/ FNLA mantinham populações sob seu controlo, tendo por diversas vezes tido contacto com os guerrilheiros, capturando dois deles e uma arma, quando atravessavam o rio numa piroga.

g. Destacamento de Bessa Monteiro I (27Jun61 a 15Nov61)

A povoação de Bessa Monteiro estava localizada numa zona muito acidentada; a sede do Posto Administrativo estava localizada na parte mais elevada da povoação; uma centena de metros abaixo localizavam-se alguns armazéns e um estabelecimento comercial; na parte inferior da povoação, a cerca de 300 metros da anterior, existiam mais dois estabelecimentos comerciais, armazéns e casas de residência: mais abaixo, ainda, existia uma sanzala que ainda tinha alguma população nativa, mas já era notória a falta de muitos homens que normalmente ali residiam.

A evolução do nível de efectivos que guarneceram o subsector de Bessa Monteiro - primeiro apenas um Pelotão (Junho a Novembro de 1961), depois toda a Bateria 118 (Novembro de 1961 a Janeiro de 1962), e mais tarde a Bateria 118 e um Batalhão (em Setembro de 1961 o BCaç 184 e de Janeiro a Junho de 1962 o GCav345) — acompanhou o crescimento da organização e da capacidade de combate da guerrilha da UPA/FNLA na região.

A Bateria 118 desenvolveu nos seus primeiros 14 meses de presença no subsector de Bessa Monteiro, vários tipos de missões operacionais: acção psicossocial, controlo de populações, pesquisa de notícias sobre os movimentos do inimigo, defesa de povoações e outros pontos sensíveis, escolta a colunas de reabastecimento, acções ofensivas contra elementos da UPA/FNLA. Seguidamente, vai ser balizada a sua permanência no sector através de breves referências a algumas acções e situações, não de uma forma exaustiva, mas às que, por uma razão ou por outra, são consideradas mais significativas.

Bateria de Artilharia 118 (Escola Prática de Artilharia)

A principal característica operacional da zona de acção da Bateria 118, em Bessa Monteiro, neste período era a sua volatilidade. Nos primeiros meses acontecia que pela calada da noite os líderes da guerrilha apareciam numa sanzala e obrigavam os seus habitantes a abandoná-la e a segui-los para zonas onde queriam instalar as suas bases. Noutras situações os habitantes de muitas sanzalas desapareciam de um dia para o outro, imediatamente antes de uma acção ofensiva importante da UPA/FNLA nas imediações (emboscadas, ataques a fazendas. etc.). A Bateria aprendeu rapidamente a interpretar esses indícios técnicos e a actuar em conformidade.

Estima-se que nesse período a maioria dos homens válidos foram levados para campos de treino da UPA/FNLA na República do Congo de onde regressaram treinados, armados e equipados alguns meses depois. Durante os meses de Junho a Agosto de 1961, primeiro o 4º Pelotão, depois o 1º Pelotão, esforçam-se em patrulhamentos de acção psicossocial, mas aperceberam-se que as populações eram mais sensíveis ao medo imposto pelos agitadores da UPA, do que ao apoio prestado pelas tropas portuguesas.

Na noite de 27/28 Agosto de 1961 a UPA/ FNLA cercou e atacou durante mais de 4 horas o destacamento do Zongo na esperança de levar a guarnição à exaustão de munições, tentando por algumas vezes um simulacro de assalto, sem sucesso. Na manhã seguinte, a coluna de socorro deparou com todas as sanzalas desse itinerário abandonadas, abatizes a cortar a picada e uma ponte destruída no itinerário. Esta acção marca o início de uma nova fase da actividade operacional em que a acção psicossocial quase perdeu a sua oportunidade.

A partir dos finais de Agosto e até finais de Outubro a povoação de Bessa Monteiro, foi flagelada frequentemente com armas ligeiras, durante a noite; a resposta do sistema de defesa é selectiva e comedida pois o inimigo parece querer principalmente avaliar o sistema defensivo e causar o cansaço e não tanto entrar na povoação. Também as colunas auto são frequentemente flageladas, mas a reacção adequada e as blindagens improvisadas impediam que houvesse baixas.

Em 30 de Agosto de 1961 a Fazenda S. Pedro, a cerca de 20 km a leste de Bessa Monteiro, já anteriormente abandonada por falta de segurança, foi incendiada e destruída por elementos da UPA/ FNLA e as sanzalas limítrofes apareceram desertas. Nessa mesma noite a povoação de Bessa Monteiro foi atacada. No dia seguinte uma patrulha deslocou-se à Fazenda Marfins e Almeida, a cerca de 35 km a oeste de Bessa Monteiro e constatou que as instalações haviam sido também incendiadas e destruídas. Três trabalhadores ali residentes haviam sido mortos e chacinados. Quando a patrulha ali chegou não havia nada a fazer, apenas constar a ocorrência.

Com o agravamento da situação o comando da Bateria considera que não há condições para fazer a rotação de Pelotões conforme previsto e o 1º Pelotão continua indefinidamente em Bessa Monteiro.

Entretanto, em 04 de Setembro de 1961, chegou a Bessa Monteiro o Batalhão de Caçadores 184 sob o comando do Tenente-Coronel Alexandre Bento, para uma intervenção de 20 dias. Foram desenvolvidas várias operações (Gazela I, Gazela II, Gazela III, Erva Má) em algumas das quais o 1º Pelotão da Bateria 118 também participou. Os resultados destas operações foram modestos. O BCaÇ 184 terminou a sua permanência em Bessa Monteiro em 24 de Setembro de 1961, seguindo para S. Salvador.

Em 16 de Outubro de 1961 o 1º Pelotão efectuou uma coluna a Ambrizete e ao atravessar a povoação abandonada de Quiximba, a cerca de 30 km a oeste de Bessa Monteiro, sofreu uma violenta emboscada com armas ligeiras algumas das quais automáticas. Enquanto munícia o lança granadas foguete um soldado foi atingido mortalmente por um tiro dum guerrilheiro postado sobre uma árvore. Foi a

primeira vez que o inimigo adoptou tiro de posição, que apesar de conferir óptimos campos de tiro não garantia protecção. Passados os primeiros momentos de surpresa da tropa da Bateria 118 e descoberta a nova tática do inimigo, a resposta foi mais eficaz, causando várias baixas ao inimigo que se viram cair das árvores. Esta tática não voltou a ser empregue, certamente pelos maus resultados sofridos pelos guerrilheiros.

Durante a sua permanência em Bessa Monteiro o 1º Pelotão passou períodos de escassez absoluta de víveres, pela impossibilidade de efectuar colunas a Ambrizete, vivendo quase um mês em regime de sobrevivência. As únicas operações possíveis eram patrulhas apeadas para colheita de cachos de bananas nas florestas envolventes. Apesar desta situação crítica o moral não se sentiu afectado devido à boa qualidade nutritiva das bananas.

h. Alteração da Missão - Bateria 118 completa em Bessa Monteiro (15Nov61 a 22Mai62)

A primeira grande reorganização do dispositivo da Bateria 118 ocorreu em 15 de Novembro de 1961, com a transferência de toda a Bateria 118 para Bessa Monteiro. Ficou com a responsabilidade deste subsector. Com uma guarnição que passou de um Pelotão para uma Companhia, passou a ser possível efectuar outras operações além da defesa da povoação e das escoltas a colunas de reabastecimento.

i. Evolução da situação em Bessa Monteiro

Em Outubro de 1961 o dispositivo e armamento das forças da guerrilha em Bessa Monteiro fora substancialmente reforçado à custa de efectivos treinados e acabados de chegar do exterior (campos de treino da UPA/FNLA localizados na República do Congo) e transferidos de Nambuangongo e Bembe para Bessa Monteiro. A Bateria 118 começou a sofrer fortes emboscadas e várias baixas. Sabia-se que o inimigo instalara uma série de bases secundárias ou secções à volta de Bessa Monteiro (estavam identificadas seis secções: Quidilo, Quiavanga; Sanda; Combo; Quixe e Sumba Lufua e uma base de maior dimensão, Bonde. Estimava-se que os efectivos da UPA/FNLA na região, ultrapassavam largamente os efectivos da Bateria 118. O inimigo manifestava moral elevado e tinha a iniciativa. Frequentemente instalava cenários no meio das picadas, abandonando ali cadeiras e mesas com jarras de flores, mensagens, etc, em atitude provocatória.

j. Actividade operacional

Desde a sua chegada a Bateria 118 desenvolveu intensa actividade de reconhecimentos ofensivos e emboscadas na sua zona de acção; os meios não eram suficientes para desenvolver outras operações de maior raio de acção ou de maior envergadura. Os maiores riscos eram os deslocamentos motorizados nas picadas. Adoptaram-se medidas nesse sentido designadamente emboscadas, contra-emboscadas em protecção dos itinerários. O local de reabastecimento de água (chamada "cacimba") onde o BCaç 184 havia sofrido várias baixas foi desmatado. Foram realizadas muitas operações ofensivas embora de pequena envergadura (patrulhamentos ofensivos golpes de mão, etc.). Os resultados destas operações foram modestos, devido ao factor surpresa. O inimigo estava alertado em relação a todos os movimentos da Bateria 118.

Em 25 de Dezembro de 1961, entre o núcleo inferior e o intermédio da povoação de Bessa Monteiro, o inimigo emboscado na floresta limítrofe atacou e atingiu mortalmente dois militares da Bateria 118. Um deles ainda foi evacuado, via aérea, com vida, mas morreu a caminho do Hospital Militar de Luanda. O

piloto do avião que aterrara na pista de Bessa Monteiro localizada a cerca de 20 km da povoação teve dificuldade em aterrar e descolar devido à grande altura do capim e declarou a pista inoperacional.

Por isso, em 28 de Dezembro de 1961, o 3º Pelotão transportou um grupo de nativos contratados para capinar o campo de aviação. À tarde, ao regressar a Bessa Monteiro, a coluna foi violentamente emboscada não muito longe do campo de aviação, sofrendo um morto e dois feridos graves que foram evacuados no dia seguinte por helicóptero. Um destes feridos acabaria por morrer no Hospital Militar de Luanda.

Em 02 de Janeiro de 1962, o 4º Pelotão efectuou uma coluna de reabastecimento a Ambrizete e foi emboscado na floresta de Quiavanga a cerca de 12 km a oeste de Bessa Monteiro. O inimigo estava instalado a menos de 5 metros da estrada, protegido por grandes rochedos graníticos ocultos na folhagem da floresta. Foram atingidos mortalmente o Alferes Brandão, Comandante do 4º Pelotão da Bateria 118 e um jovem civil.

Este local - Quiavanga - fazia parte do troço de itinerário com cerca de 20 Km entre Bessa Monteiro e Baca, onde o inimigo tinha imensas posições óptimas para realizar as suas emboscadas, que de facto utilizou em várias outras ocasiões, quer contra a Bateria 118, quer contra outras unidades, apesar das contra-emboscadas que ali eram montadas frequentemente. Nesta altura havia a percepção nítida que toda a guarnição de Bessa Monteiro era objecto de vigilância constante pelo inimigo.

Pela análise das recentes ocorrências e dos indícios técnicos tornara-se evidente que a população nativa de Bessa Monteiro, apesar de aparentemente controlada pela Bateria 118, mantinha contacto, dava apoio e passava informações a elementos da UPA/ FNLA com quem contactava de noite, ou de dia, nas machambas (hortas); por isso, a Bateria decidiu, com a autorização do Comando de Sector de Ambrizete, transferir toda a população nativa de Bessa Monteiro para Ambrizete, o que foi realizado numa operação realizada em 05 de Janeiro de 1962.

k. Alteração da Missão — Bateria 118 Reforça o BCav345 (07Jan62 a 22Mai62)

Apesar da Bateria 118 levar a efeito permanentes acções ofensivas, estas necessariamente de curto raio de acção, porque a segurança nocturna da povoação consumia muitos efectivos, a situação em que se vivia em Bessa Monteiro tornava-se mais difícil de dia para dia.

Este facto levou o Quartel-General da RMA a reforçar a guarnição de Bessa Monteiro e assim, em 07 de Janeiro de 1962, chegou ao subsector de Bessa Monteiro um reforço de peso: a Bateria 118, viu a guarnição de Bessa Monteiro ser reforçada com mais um batalhão, o Batalhão de Cavalaria 345 (BCav 345), comandado pelo Tenente-Coronel António de Spínola. No próprio dia da chegada e antes de entrar em Bessa Monteiro o BCav 345 foi atacado várias vezes, em Quiavanga e, nas imediações da povoação.

A partir desse dia a missão da Bateria 118 foi alterada passando a reforço operacional do BCav 345 e, como tal, a fazer operações conjuntas com as forças do Batalhão recém chegado.

Nos primeiros tempos houve alguns insucessos tendo o Batalhão de Cavalaria sofrido várias baixas. Designadamente em 13 de Janeiro de 1962, quando uma coluna é emboscada em Banza Bamba, a cerca de 15 km a leste de Bessa Monteiro, sofrendo um morto e um ferido grave (o Alferes Knopfli). Uma escolta da Bateria 118 procede à evacuação do Oficial ferido a partir do campo de aviação e no regresso a Bessa Monteiro é emboscado tendo sofrido um outro ferido grave, o Tenente médico Freitas Ribeiro do BCav 345, que fora prestar assistência médica à evacuação do Alferes Knopfli.

Bateria de Artilharia 118 (Escola Prática de Artilharia)

Em 16 de Janeiro de 1962 acontece o primeiro êxito operacional significativo com a operação Machadada. A Companhia de Cavalaria 296/BCav 345 e um Pelotão da Bateria 118, com apoio da Força Aérea, após uma progressão nocturna em direcção ao Rio M'Bridge assaltam pela madrugada a Base Bonde da UPA/FNLA, provocando ao inimigo mais de 50 mortos, designadamente um Tenente-Coronel da UPA/FNLA. Enquanto a CCav 296 efectuou o cerco caberia ao Pelotão da Bateria 118 efectuar o assalto. A maioria das baixas do inimigo foi provocada por bombas da Força Aérea. Foram, ainda, capturadas armas, munições, fardamento e documentos.

Esta operação marcou uma sensível diminuição da actividade do inimigo a Leste de Bessa Monteiro.

O período de Janeiro a Abril é fértil em sucessos e insucessos nas operações conjuntas do BCav 345 e da Bateria 118, Nestas operações participava rotativamente, um ou dois Pelotões da Bateria 118. As principais foram: Operação Fim-de-semana em 11 de Fevereiro de 1962; Operação Wisa Malembe entre os rios Lucoge e Lufua de 18 a 20 de Fevereiro de 1962, em que o inimigo teve 27 mortos; Operação Fim de Tréguas de 05 a 06 de Março de 1962 em que o inimigo teve 15 mortos; Operação Luaia de 08 a 09 de Março de 1962; Operação Festa de Anos de 15 a 16 de Março de 1962, Operação Xinga N'Zambi de 20 a 23 de Março de 1962.

Apesar dos êxitos anteriores, as operações Quidilo I e II, iniciadas em 24 e 25 de Abril de 1962 respectivamente, constituíram um grave revés para o BCav 345. Durante a progressão apeada para o objectivo (base Quidilo da UPA/FNLA) a Companhia de Cavalaria 253/BCav 345 foi emboscada num cafezal, 5 km a norte da povoação abandonada Quidilo, sofrendo 9 mortos (entre eles um Alferes) e 21 feridos (entre eles o Capitão Xavier de Brito). Coube ao 1º Pelotão da Bateria 118 substituir essa Companhia e alcançar a Base Quidilo. Chegado ao objectivo constatou-se que a base já fora destruída pela Força Aérea. Na sequência deste insucesso as forças do BCav 345 realizaram intensas operações de nomadização naquela zona, durante mais de uma semana, sem qualquer ocorrência digna de registo; estas operações subsequentes ao insucesso de 24 de Abril de 1962 foram importantes para as tropas do BCav 345 recuperarem o moral e a auto-confiança.

I. Alteração do Dispositivo — Bateria 118 em Baca (22Mai62 a 25Ago62)

Em 22 de Maio de 1962, o BCav345 efectuou a reorganização do seu dispositivo envolvendo, também, a Bateria 118: Esta deixa Bessa Monteiro e instala-se em Baca, onde rende a Companhia de Cavalaria 296/GCav 345.

Baca era uma sanzala abandonada a cerca de 30 km de Bessa Monteiro, a cavaleiro da estrada para Ambrizete e bastante próximo de Quiximba um local onde frequentemente o inimigo realizava emboscadas. O local dispunha apenas de um pequeno edifício permanente que fora escola e capela e que serviu de posto de comando e de alojamento de Oficiais da Bateria 118. A restante unidade é instalada em construções improvisadas com adobes e chapas de zinco. A Bateria 118 dispõe, apenas, de urna tenda: a do posto de socorros. O sistema de defesa diurno tem por base 4 torres de vigilância, improvisadas sobre embondeiros e postes de madeira altos; o sistema nocturno tem por base ninhos de metralhadora, abrigos e trincheiras (figura 8).



Fig. 8

Acampamento da Bateria 118, em Baca, (vista Sul) à direita parte do edifício do Posto de Comando, depois o Posto de Socorros e o alojamento do 2º Pelotão.
Fonte: Arquivo do autor.

Nesta nova localização a principal missão operacional da Bateria consistiu em escolta a colunas de reabastecimento no itinerário Bessa Monteiro - Ambrizete.

A 02 de Junho de 1962 o BCav 345 inicia a sua rotação de Bessa Monteiro para S. Salvador, que concluiu em 15 de Junho de 1962, terminando assim um período de intensa actividade operacional e com resultados operacionais significativos, quer para o BCav 345, quer para a Bateria 118. O BCav 345 foi substituído no subsector de Bessa Monteiro pelo Batalhão de Caçadores 184 que, assim, voltou a uma zona que já conhecia.

Em 07 de Julho de 1962 saiu de Baca um Pelotão da Bateria 118 escoltando o médico da unidade, Alferes Francisco Keating, com a missão de prestar assistência médica de rotina aos militares do BCa 184, em Bessa Monteiro. No regresso a escolta integrou uma coluna de reabastecimento com destino a Ambrizete, onde se incluíam algumas camionetas civis, uma delas carregada de café. Já perto de Baca a testa da coluna parou para reestabelecer a ligação com uma viatura civil que se tinha atrasado. Entretanto a viatura civil apareceu, não conseguiu parar a tempo e saiu da picada para não embater na viatura militar parada à sua frente. Já fora da picada, em plena floresta a viatura civil colheu mortalmente o Alferes médico Francisco Keating, que tinha apeado da viatura como era a norma de segurança.

Em 14 de Julho de 1962, no âmbito da remodelação geral do dispositivo determinada pelo Quartel-General da RMA, foram alterados os limites entre Batalhões do Sector de Ambrizete (Sector 4), que passou a designar-se de Sector A.

Numa das muitas colunas de reabastecimento no itinerário Bessa Monteiro - Ambrizete, cujas escoltas eram realizadas pela Bateria de Artilharia 118, em 01 de Agosto de 1962, a coluna foi emboscada em Ambrizete, perto da povoação abandonada de Quiximba, durante 4 horas, numa zona de densa mata. A emboscada iniciou-se com o rebentamento de uma mina anti-carro, a primeira que apareceu no subsector de Bessa Monteiro. Não houve baixas, mas apenas um ferido ligeiro e uma viatura danificada, porque a Bateria 118 já havia reforçado as viaturas com sacos de areia, prevendo essa eventualidade. Com a aproximação da noite criou-se um perigoso impasse, visto que o inimigo não permitia a recuperação da viatura e a floresta era muito densa. A situação resolveu-se com reforços vindos de Baca, que fizeram o envolvimento do inimigo pela retaguarda, por fora da mata, obrigando-o a abandonar as suas posições.

Em 25Ago62 a Bateria 118 concluiu a sua missão em Baca - Bessa Monteiro onde foi substituída pela Companhia de Caçadores 188/BCaç 184; seguindo para Ambrizete onde chegou em 26 de Agosto de 1962 e daqui continuou para Luanda no dia seguinte.

7. A Bateria 118 no Sector de Malange (12Set62 a 19Ago63)

α. De Luanda a Malange

A Bateria 118 chegou a Luanda, em 27 de Agosto de 1962, ficando instalada no Campo Militar do Grafanil e inicia uma curta fase de descanso e recuperação do material (27 de Agosto de 1962 a 12 de Setembro de 1962), aprontando-se para seguir para o seu novo destino no Sector de Malange, também a norte de Angola.

Nos dias de permanência em Luanda foram-lhe, ainda, atribuídas responsabilidades de guarnecer alguns postos no perímetro defensivo de Luanda, que estava à responsabilidade do BCaç 109 (este Batalhão que estivera em Bessa Monteiro, fora transferido para Luanda).

Durante este período a Bateria 118 recebeu ordem do Quartel-General da RMA para efectuar o reconhecimento à sua nova zona de acção, que correspondia à circunscrição de Duque de Bragança, no distrito de Malange. Deveria instalar a sua sede na povoação Duque de Bragança, situada a cerca de 100 km a norte de Malange, onde deveria render a Companhia de Artilharia 110. O reconhecimento foi realizado de 08 a 10 de Setembro de 1962 por dois Oficiais (os Comandantes dos 1º e 2º Pelotões), que uma vez cumprida a missão regressaram a Luanda para conduzir a Bateria ao seu novo destino.

O deslocamento da Bateria foi realizado em 12 de Setembro de 1962, por via-férrea, de Luanda até Malange. Ali chegada constituiu-se a coluna para continuar via rodoviária para o Duque de Bragança, conforme constava da sua guia de marcha, passada pelo Quartel-General da RMA. Para grande surpresa, o Comando do Sector de Malange alterou a missão e informou que o local de destino da Bateria seria Marimba, na fronteira com a República Democrática do Congo. Em 13 de Setembro de 1962, o Comandante Interino da Bateria, Alferes Duque, pediu instruções ao Quartel-General da RMA (Luanda) e, depois de confirmada a alteração de missão, a Bateria inicia o movimento em 14 de Setembro de 1962 para o seu novo destino pelo itinerário Malange - Brito Godins - Cambo Camana - Belo Horizonte - Sunginge - Marimba, um percurso de quase 300 km. A primeira etapa foi em Sunginge, onde ficou o 2º Pelotão que ali constituiu um destacamento; No dia seguinte, 15 de Setembro de 1962, a coluna continuou em direcção a Marimba onde chegou ao fim do dia.

Bateria de Artilharia 118 (Escola Prática de Artilharia)

b. A zona de acção de Marimba

A nova zona de acção (figura 9) da Bateria 118 estendia-se, agora, por uma faixa com cerca de 200 km no sentido Norte—Sul. Com a forma triangular tinha o seu vértice norte na foz do rio Luessa, afluente do Rio Cuango. O limite leste era a fronteira com a República do Congo, até uma aldeia militarmente importante — Marimbanguengo — seguindo, depois, para o interior de Angola, abrangendo a Reserva Natural de Milando, situada na bacia hidrográfica do rio Loanda,²¹ afluente do Rio Lui. O limite nordeste abrangia a bacia hidrográfica do Rio Cambo. Este rio, afluente do rio Cuango passa junto de Marimba e a sua travessia era obrigatória no itinerário para Malange e fazia-se através de uma jangada de pirogas impulsionada manualmente.

²¹ - Na Reserva Natural de Milando podia ser encontrada uma espécie protegida de grandes herbívoros: a palanca negra; com a sua máscara negra e branca e as manchas também negras e brancas na garupa, possuía chifres enormes que quase tocavam a garupa, estes animais são de uma rara beleza.

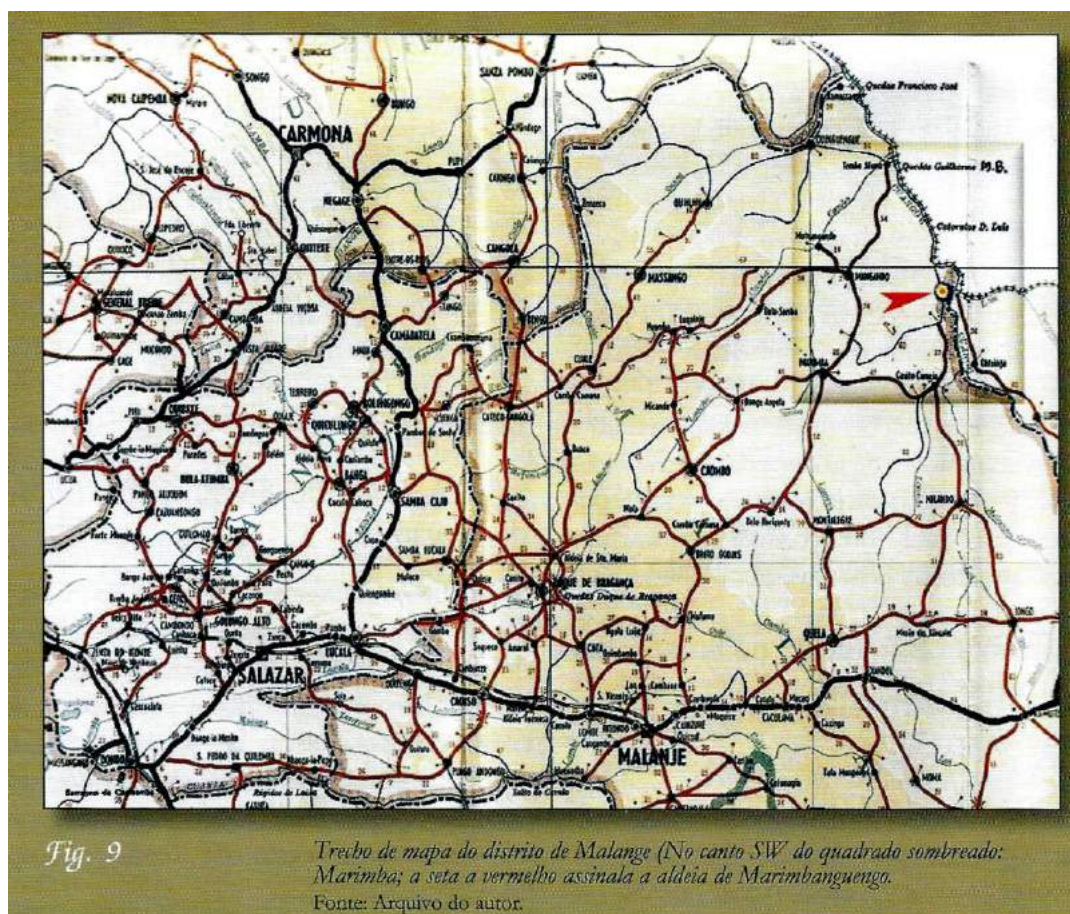


Fig. 9

Trecho de mapa do distrito de Malange (No canto SW do quadrado sombreado: Marimba; a seta a vermelho assinala a aldeia de Marimbanguengo.
Fonte: Arquivo do autor.

Mais para sul a zona de acção envolvia as bacias hidrográficas dos rios Luessa, Cambo e Loando, ou seja a região designada por Baixa de Cassange, área algodoeira por excelência sob concessão da empresa algodoeira COTONANG. Recorde-se que foi exactamente aqui que começou a sublevação violenta angolana em Janeiro de 1961.

Em termos gerais esta zona situa-se na orla sudeste do planalto Uige, materializada por várias cascatas majestosas (Quedas do Duque de Bragança, Quedas Francisco José, Quedas Guilherme - hoje Quedas do Tembo, etc.) A vegetação dominante é a savana com grandes pradarias (designadas chanas) nos vales

Bateria de Artilharia 118 (Escola Prática de Artilharia)

muito abertos em especial dos rios Luessa e Cambo. Enquanto que a zona norte é arenosa, a Baixa de Cassange é argilosa e alagadiça, pelo que no tempo da chuva as colunas de reabastecimento no itinerário Malange - Marimba chegavam a demorar uma semana.

A intransitabilidade das picadas criava grande dificuldade de reabastecimento de frescos, pelo que a Bateria obteve autorização superior para caçar os herbívoros que abundavam nas pradarias. Desta forma, a carne fresca nunca faltou no rancho dos militares durante os quase doze meses de permanência no sector e este foi um importante factor para o moral das tropas.

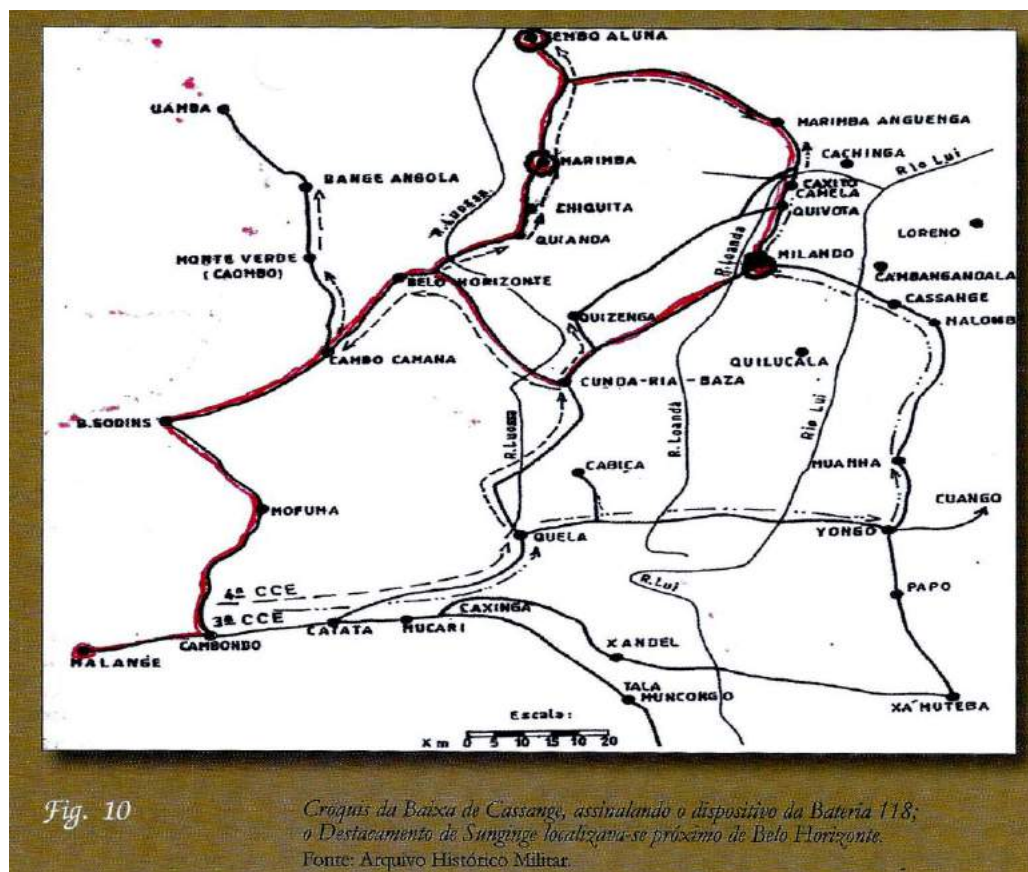
Em termos administrativos a zona de acção abrangia a sede de circunscrição em Marimba e os Postos Administrativos de Tembo Aluma e Milando.

A área manteve-se aparentemente pacificada, embora dois factores nunca podiam ser esquecidos. Primeiro a sublevação de toda a região em início de 1961, cuja pacificação importava manter, mas não se podia garantir. Por outro lado, a situação da fronteira com a República do Congo, país onde a UPA/FNLA tinha liberdade de movimentos e apoio assegurado.

No período de permanência da Bateria 118 no subsector de Marimba receberam-se frequentemente notícias de movimentações de grupos de guerrilheiros da UPA/FNLA em território congolês e tinham-se informações das suas intenções de infiltrar em território angolano várias centenas de combatentes.

c. Dispositivo da Bateria 118 no Sub-Sector de Marimba

Em 14 de Setembro de 1962 e nos dias seguintes a Bateria 118 instalou o seu dispositivo (figura 10) com:



Bateria de Artilharia 118 (Escola Prática de Artilharia)

- Comando e 1º e 3º Pelotões em Marimba;
- 2º Pelotão já havia ficado em Sunginge na véspera;
- 4º Pelotão destacado em Tembo Aluma.

O Comandante titular da Bateria 118, Capitão Vítor Manuel da Silva Correia, não voltaria a exercer o comando da unidade após o seu período de licença (07 de Setembro de 1962 a 06 de Outubro de 1962). O Quartel-General entendeu que, face aos seus conhecimentos em matéria administrativa e de justiça militar, seria mais útil a sua presença no Quartel-General da RMA, pelo que foi colocado em Luanda. Esteve presente em Marimba para se despedir da Bateria, em 10 de Outubro de 1962. Foi substituído pelo Capitão Miliciano de Artilharia Teixeira, que assumiu o comando em 11 de Outubro de 1962.c.

d. Actividade operacional no subsector de Marimba

Na sua nova zona de acção a Bateria 118 desenvolveu a sua actividade operacional segundo dois eixos:

Em primeiro lugar os patrulhamentos de contacto com as populações e de acção psicossocial; Neste âmbito desenvolveu-se um sistema de boas relações com as populações e com as suas autoridades tradicionais, sobas e rainhas²². Tornaram-se quase rotina as consultas e os tratamentos dispensados aos nativos pelo médico da Bateria e pelos seus enfermeiros, quer na sede da Bateria e dos Destacamentos, quer durante as patrulhas as quais permitiam apoiar as populações mais distantes. Com esta acção procurou-se captar a confiança das populações e mostrar-lhes as vantagens da soberania portuguesa.

²² - Existem na região a rainha Ginga, a rainha Marimba e outras.

O segundo eixo da actividade operacional é a vigilância da fronteira e a procura de notícias sobre infiltrações de elementos da UPA/FNLA, que se sabiam estarem no outro lado da fronteira. As patrulhas procuravam explorar a confiança mútua de algumas autoridades tradicionais e da simpatia da população, para recolher notícias de movimentações suspeitas.

As duas zonas mais sensíveis, neste segundo âmbito, são Tembo Aluma no extremo norte da zona de fronteira e Marimbanguengo no extremo sul. Em frente ao primeiro havia uma importante povoação congoleza, onde se sabia que circula livremente gente da UPA/MPLA. A sanzala de Marimbanguengo situava-se numa zona de fácil transposição do Rio Cuango²³.

A actividade operacional era dificultada pelas grandes dimensões da zona de acção, pelo mau estado das picadas, pela quantidade reduzida de viaturas e pelo seu mau estado. Os mecânicos faziam milagres para manter operacionais viaturas com muitas dezenas de anos de idade. Os patrulhamentos podiam ter de percorrer centenas de quilómetros e podiam demorar quase uma semana. Não havia emissores receptores móveis para as patrulhas, que muitas vezes eram feitas só com uma viatura. Várias vezes aconteceu a viatura avariar e a patrulha ter ficado imobilizada em qualquer lugar remoto a grande distância do Comando. A solução foi umas vezes pedir apoio às autoridades tradicionais (sobas), que enviava mensageiros nativos, a pé, pedir socorro ao posto de comando da unidade mais próxima; outras vezes, esses pedidos de socorro eram enviados pelas autoridades tradicionais, através de toques de tambor, um tipo de telégrafo espantosamente fiável e rápido. Este sistema era prova que havia um bom relacionamento mútuo entre a Bateria 118 e as populações nativas.

Bateria de Artilharia 118 (Escola Prática de Artilharia)

Embora não tenha havido neste período acções do inimigo, o risco por vezes iminente de infiltrações da UPA/FNLA em território angolano impôs uma vigilância intensa da faixa de fronteira (com mais de 100 km) e uma alteração do dispositivo da Bateria ocorrida em finais de 1962: o 3º Pelotão destacou uma Secção para Sunginge e o 2º Pelotão constituiu um novo destacamento em Milando.

²³ - Ao chegar a Lisboa, finda a comissão soube-se que a unidade que rendeu a Bateria 118 em Marimba tinha sido alvo de uma emboscada em Marimbanguengo, tendo sofrido várias baixas.

8. De Marimba a Vendas Novas (16Ago63 a 04Set63)

a. Rendição no Teatro de Operações

Em início de Agosto de 1963, as notícias da rendição chegaram finalmente, mais tardias que o desejado mas sempre muito festejadas. Em 10 de Agosto de 1961 chegaram a Marimba, os primeiros elementos da CCaç168/BCaç 159 e iniciou-se a fase de sobreposição e entrega de materiais. O Comandante da Bateria, Capitão Miliciano Teixeira, por pertencer à guarnição normal da Região Militar de Angola entregou o comando ao Tenente Duque, pois continuaria a sua comissão para além do regresso da Bateria 118 à Metrópole: Fez-se a transmissão do conhecimento da zona de acção às forças do BCaç 159, sobretudo através de patrulhamentos conjuntos: O processo administrativo de entrega de materiais foi demorado e penoso, porque havia sempre materiais danificados cuja situação tinha que ser regularizada antes da entrega. Sem tudo regularizado com grande rigor a unidade não receberia quitação em Luanda para o regresso à "Metrópole". A quitação era dada pela 3ª Repartição do Quartel-General da Região Militar de Angola, após as várias quititações parcelares dadas pelos vários depósitos e serviços da RMA.

Em Marimba a entrega dos equipamentos da Bateria ocupou a comissão de entrega até à exaustão durante 5 dias e 5 noites sem dormir, havendo a registar um caso de esgotamento nervoso.

A Bateria 118 reuniu-se em Malange, em 16 de Agosto de 1963c. e embarcou no dia seguinte, via férrea, para Luanda já despojada de todo o seu equipamento pesado.

Chegada a Luanda a Bateria ficou instalada no Campo Militar do Grafanil, durante quatro dias para proceder às entregas finais de armamento e regularizações finais de materiais, que permitiriam obter a quitação do Quartel-General indispensável ao embarque de regresso.

b. De Luanda a Vendas Novas

O embarque ocorreu em 20 de Agosto de 1963 a bordo do navio Niassa, o qual ainda rumou a sul (Benguela e Lobito), a fim de embarcar outras unidades. No dia seguinte, partiu em direcção a Lisboa. Chegou à vista da capital treze dias após o embarque, na madrugada de 4 de Setembro de 1993 [1963]. Com as luzes da cidade ainda piscando. Mas o navio não entrou no porto, ficando ao largo à espera da hora marcada para as cerimónias do desembarque. Todos estavam ansiosos pelo momento tão esperado e os minutos foram lentos a passar.

O desembarque ocorreu cerca das 10 horas seguindo-se o desfile das tropas com uma rápida saudação às famílias. Ainda de manhã as tropas embarcam em comboio especial com destino a Vendas Novas.

Bateria de Artilharia 118 (Escola Prática de Artilharia)

Foi a meio da tarde que os militares da Bateria de Artilharia 118 foram acolhidos com grandes manifestações de alegria por familiares e amigos na estação de Vendas Novas, seguindo depois em desfile triunfal, precedidos da banda municipal e com janelas ornamentadas de colchas até à Parada Exterior da EPA.

Neste local, a Bateria 118 integrou-se na formatura geral da EPA, e iniciaram-se as cerimónias militares e religiosa de desmobilização. Foi celebrada uma missa campal com homenagem aos mortos da Bateria.

A população de Vendas Novas acorreu em peso para assistir à cerimónia e para receber os seus filhos, dois anos, três meses e um dia depois de os ter visto partir para terras de África, para um destino incerto, mas com a missão bem clara na sua mente: defender populações portuguesas e terras, que na altura eram consideradas parte integrante de Portugal.

Nessa ocasião era Comandante da EPA, o Coronel de Artilharia Tristão da Cunha Carvalhaes e foi ele que recebeu a apresentação da Bateria de Artilharia 118.

Após as cerimónias militares e cumpridas as formalidades e procedimentos administrativos da desmobilização, os militares em grupos tardam a separar-se e a partir para suas casas. É que os dois anos de perigos e sacrifícios em conjunto cimentaram entre todos uma amizade para a vida.

Para celebrar condignamente a chegada da Bateria 118 o proprietário do Café Ribeiro, junto à EPA, pelo final da tarde põe os seus barris de cerveja à disposição dos militares recém desembarcados, o que prolonga por mais algumas horas o convívio entre muitos deles.

A história da Bateria de Artilharia 118 terminaria com a desmobilização em 04 de Setembro de 1962 se não fosse esta união e amizade que está perpetuada no lema do estandarte da Associação dos Antigos Militares da EPA nos Anos 60: " Amigos e Unidos para Sempre".

9. In Memoriam

Durante o período de mais de dois anos de permanência em Angola, a Bateria 118 viu tombar no cumprimento do dever oito dos seus homens, que dando a vida pela Pátria, fizeram jus ao mais solene juramento dos militares.

Eles estarão sempre presentes na memória dos seus camaradas de armas e são:

a. Mortos em combate

- **Soldado 690/60, Joaquim Pato Campaniço**, em 16 de Outubro de 1961, em Quiximba durante uma emboscada estando a municar um lança granadas foguete foi atingido mortalmente por um tiro dum guerrilheiro instalado sobre uma árvore;

[Joaquim Pato Campaniço, nascido na freguesia de Safara, concelho de Moura. Está sepultado no cemitério da freguesia da sua naturalidade]

- **1º Cabo 622/60, Idalino António Serra de Carvalho**, em 25 de Dezembro de 1961²⁴, dentro da povoação de Bessa Monteiro, quando se deslocava entre o núcleo inferior da povoação e a sede

Bateria de Artilharia 118 (Escola Prática de Artilharia)

da Companhia a fim de receber fardamento, foi atingido mortalmente por um tiro de um guerrilheiro escondido na floresta envolvente;

[Idalino António Serra de Carvalho, nascido na freguesia das Alcáçovas, concelho de Viana do Alentejo. Está sepultado no cemitério na campa 9-1-A, do talhão militar do cemitério de Ambrizete, em Angola]

- **Soldado 628/60, José Lopes Bugalho Barrias**, em 25 de Dezembro de 1961²⁵, dentro da povoação de Bessa Monteiro, quando se deslocava entre o núcleo inferior da povoação e a sede da Companhia a fim de receber fardamento, foi atingido mortalmente por um tiro de um guerrilheiro escondido na floresta envolvente;

[José Lopes Bogalho Bárias, nascido na freguesia do Corval, concelho de Reguengos de Monsaraz. Os seus restos mortais encontram-se no cacifo 1-J do ossário militar do cemitério de Santana (Catete), em Angola]

- **1ºCabo 696/60, Joaquim Reis Martins**, em 28 de Dezembro de 1961, atingido mortalmente por um tiro durante uma emboscada à saída do campo de aviação de Bessa Monteiro e no regresso a esta povoação, após uma missão de protecção de trabalhadores que haviam ido capinar a pista;

[Joaquim dos Reis Martins, nascido no Monte Agachas, da freguesia de Brinches, concelho de Serpa. Está sepultado no cemitério da Vila Nova de São Bento, concelho de Serpa]

- **Soldado 718/60, Serafim José Modesto Gonçalves**, em 28 de Dezembro de 1961, gravemente ferido em combate durante uma emboscada à saída do campo de aviação de Bessa Monteiro e no regresso a esta povoação, após uma missão de protecção de trabalhadores que haviam ido capinar a pista, não sobreviveu aos ferimentos e morreu durante a evacuação para o Hospital Militar de Luanda;

[Serafim José Modesto Gonçalves, nascido na freguesia do Prachal, concelho de Lagoa. Está sepultado no cemitério de Estômbar, concelho de Lagoa]

- **Alferes Miliciano de Artilharia Mário Araújo de Abreu Brandão**, em 02 de Janeiro de 1962, em Quiavanga a 7 km de Bessa Monteiro, a caminho de Ambrizete, numa emboscada à coluna em que seguia e da qual era o Comandante.

[Mário Araújo de Abreu Brandão, nascido no dia 17 de Janeiro de 1967, na freguesia de Padreiro (Salvador), concelho de Arcos de Valdevez. Está sepultado no cemitério da freguesia de naturalidade. Tinha 24 anos de idade]

²⁴ - O 1ºCabo Idalino Carvalho foi sepultado no cemitério de Ambrizete (Talhão A, Fileiral, campa 9).

²⁵ - O Soldado José Batias foi sepultado no Cemitério Novo de Luanda - Talhão Militar, campa 39 e terá sido transferido para o Cemitério de Sta Ana, Cacifo 1-j.

b. Morto por acidente em campanha

- **Alferes Miliciano Médico Francisco Paulo de Azevedo Keating**, em 07 de Julho de 1962, no regresso a Baca, vindo de Bessa Monteiro, onde fora prestar assistência sanitária ao Batalhão de Caçadores 184; numa curva da picada estando parada a viatura em que seguia, a viatura que vinha atrás, uma camioneta civil, não conseguiu parar e colheu-o fatalmente.

[Francisco Paulo de Azevedo Keating, nascido na freguesia de Constance, concelho de Marco de Canaveses. Está sepultado no cemitério da Conchada, em Coimbra]

c. Feridos em combate

Para além dos mortos em combate e por acidente em campanha, outros foram gravemente feridos. Entre eles contam-se:

Bateria de Artilharia 118 (Escola Prática de Artilharia)

- **Furriel Art Virgílio Baltazar do Nascimento Cardoso**, em 10 de Julho de 1961, numa emboscada entre Tomboco e S. Salvador;
- **Furriel Mil Art Mário de Jesus Henriques**, em 10 de Julho de 1961, numa emboscada entre Tomboco e S. Salvador;
- **Cabo Enfermeiro**, em 28 de Dezembro de 1961, numa emboscada à saída do Campo de aviação de Bessa Monteiro;
- **Soldado**, em 10 de Julho de 1961, numa emboscada entre Tomboco e S. Salvador; Soldado 588/60 Martins Meireles de Sousa, em Dezembro de 1961, numa emboscada em Quiavanga, a 12 km de Bessa Monteiro;
- **Soldado condutor auto rodas 499/60, Licino Ramos Faria**, em 28 de Dezembro de 1961, durante uma emboscada à saída do campo de aviação de Bessa Monteiro;
- **Soldado condutor auto rodas 821/60 José Amorim Verga de Aço**, ferido em combate em 01 de Agosto de 1961, por efeito de uma mina anti-carro, durante uma emboscada perto de Quiximba.

10. Considerações Finais

A comissão da Bateria de Artilharia 118 no Norte de Angola decorreu num quadro político, num ambiente operacional e num contexto psicológico únicos, o que permite tecer algumas considerações para melhor se compreender o estado de espírito dos seus militares ao longo dos mais de dois anos de permanência em Angola, sempre na Zona de intervenção Norte, onde o risco era elevado e as condições de vida difíceis factos que justificavam o aumento de 100% de tempo de serviço a que tiveram direito os militares da Bateria 118 durante toda a comissão. Seleccionaram-se alguns temas considerados mais atípicos.

α. A questão da surpresa dos acontecimentos de Março de 1961

Quando a UPA desencadeou a chacina de fazendeiros brancos no Norte de Angola, em 15 de Março de 1961, matando muitas centenas²⁶ de homens mulheres e crianças, a questão lógica que se coloca é como puderam esses civis ter sido surpreendidos, ou porquê, pelo menos não tomaram medidas de protecção, porquê não evacuaram fazendas isoladas, porquê não foram agrupadas populações, porquê não foram accionadas medidas cautelares de auto-defesa, etc. São demasiadas perguntas sem resposta. Terá havido razões políticas, ineficácia do sistema de informações, ou alheamento do sistema administrativo, ou outra razão mais obscura? São questões que têm de ser levantadas, mas cuja investigação não cabe no âmbito deste trabalho.

Existem provas de que a surpresa não foi total, incluindo os planos de mobilização do EME e o reforço das guarnições militares de Angola desde finais de 1960.

Por outro lado, as autoridades administrativas haviam assinalado, também, movimentações do tipo subversivo em diversos locais do Norte de Angola nos meses anteriores.

Bateria de Artilharia 118 (Escola Prática de Artilharia)

Terá havido, ainda, um aviso muito concreto vindo dos EUA por via diplomática alguns dias antes de 15 de Março.

Apesar de tudo isto, a tragédia aconteceu e apenas afectou a Bateria 118 marginalmente, pois tais acontecimentos foram noutros locais como atrás foi referido.

²⁶ - Existem estimativas que apontam para uma cifra de um milhar de fazendeiros brancos mortos pela UPA na semana de 15 de Março de 1961.

b. Aspectos psicológicos

Em Março de 1961, na sequência das chacinas dos fazendeiros brancos no Norte de Angola pela UPA, surgiram na "Metrópole" de então muitas reportagens fotográficas de cenas chocantes de violência nunca vistas. Essas fotografias foram levadas à Assembleia-Geral da Organização das Nações Unidas pela delegação portuguesa causando espanto geral, embora não tivessem suscitado apoio internacional à causa colonial portuguesa. Mas estiveram, também, patentes nos centros de instrução durante a fase de aprontamento das unidades mobilizadas. O efeito conjugado das imagens e da situação de aprontamento sobre o estado de espírito das tropas foi enorme, afectando a representação psicológica que as tropas portuguesas tinham do seu inimigo. Houve um trabalho importante a desenvolver pelos Oficiais e graduados no teatro de operações, para controlar o relacionamento dos militares com as populações nativas, que se sabia estarem impregnadas de agentes subversivos e que não denunciavam por receio ou por convívência. Com muitos dos civis portugueses brancos que tinham sobrevivido ao massacre os traumas psicológicos eram importantes; para muitos deles não havia no Norte de Angola nativos inocentes; todos eram considerados coniventes. Estes civis interagiam com os militares visto que cabia a estes garantir a segurança daqueles. Nesta teia de emoções cabia aos Oficiais e graduados monitorizar muito estreitamente o relacionamento dos militares seus subordinados com a população nativa.

c. Rusticidade das tropas

As operações militares, visando salvar os sobreviventes dos massacres, abrir os itinerários cortados e reocupar o território ocupado pelos movimentos independentistas, nos primeiros meses após o início da guerra foram desencadeadas por unidades que não tinham atrás de si qualquer sistema logístico montado. Este só estaria a funcionar muitos meses depois do início das operações. Sabe-se que houve unidades que estiveram meses sem que o Quartel-General da RMA tivesse qualquer notícia delas.

As dotações de equipamento das unidades eram muito inferior às necessidades, designadamente no respeitante a viaturas e material de transmissões.

A situação era agravada pelas enormes distâncias e péssimo estado da maioria das vias de comunicação.

No caso da Bateria 118, esta unidade viveu vários meses sem fundos financeiros para pagar os vencimentos e o abastecimento de víveres frescos não existia no início; um dos seus Pelotões sobreviveu em Bessa Monteiro um mês sem víveres, à custa de bananas colhidas nas florestas circundantes.

Bateria de Artilharia 118 (Escola Prática de Artilharia)

Apesar destas insuficiências graves é notável que as unidades do Exército Português que combateram em Angola, sobretudo no período de Março até finais de 1961, cumpriram as suas missões operacionais como puderam, improvisando soluções para as insuficiências e sobretudo resistindo psicologicamente, não baixando os braços e conseguindo operar em tão difíceis circunstâncias.

d. Moral das tropas

Os Comandantes e os Estados-Maiores daquele período estavam conscientes da importância de manter elevado o moral as tropas para suportar a dureza das operações e as insuficiências logísticas iniciais.

Nas circunstâncias da comissão da Bateria de Artilharia 118, o moral e bem-estar esteve sempre na primeira linha das preocupações do Comandante. Cuidar do moral e bem-estar das tropas sempre foi uma responsabilidade inerente à função de comando. A tarefa é tanto mais importante e necessária, quanto mais perigosa e difícil é a situação.

Muitas foram as iniciativas de sucesso desenvolvidas neste sentido, quer a nível do EME e do Quartel-General da Região Militar de Angola, quer a nível do Comando da Bateria. Citam-se a título de exemplo das primeiras:

- O Serviço Postal Militar com os seus aerogramas gratuitos, os chamados "bate-estradas" ou "ciclistas", gratuitos nos dois sentidos (dos militares para as famílias e vice-versa) é relativamente rápido. Os endereços militares são codificados para não denunciar a localização das unidades. Outra iniciativa muito apreciada foi o serviço de encomendas de Natal, etc.
- O Serviço de Madrinhas de Guerra, emanção da sociedade civil com apoio dos comandos militares.
- O Movimento Nacional Feminino, emanção também da sociedade civil com todas as iniciativas que a imaginação feminina, permitiu sempre ajudar a manter o moral das tropas.
- Sistema de mensagens gravadas pelos militares para as suas famílias, uma iniciativa com o apoio da Rádio Televisão Portuguesa.

A verdade é que, apesar dos riscos inerentes ao conflito, das baixas sofridas, das deficiências dos materiais e equipamentos, das insuficiências de ordem logística, da incomodidade do clima, da precariedade das instalações, etc., a Bateria de Artilharia 118 manteve sempre o moral elevado. A este facto não é estranho, também, e em primeira linha, o esforço atento, a preocupação, a arte e a personalidade do Comandante de Bateria, sempre pronto a proteger os seus militares e a zelar pelo seu bem-estar junto dos escalões superiores.

e. Fadiga, acidentes e baixas

A Bateria 118 teve um militar morto por acidente de viação e um ferido grave por acidente com arma. Ambas as ocorrências tiveram lugar quando os militares tinham entre um e dois meses de permanência no teatro de operações. Aliás, cabe referir que a Bateria 118 teve muito poucas baixas por acidente, quando comparadas com as baixas de outras unidades.

As estatísticas mais abrangentes mostram que a probabilidade de um militar ser vítima de um acidente grave em campanha é muito grande, principalmente no início da comissão. Mas não só; caso surpreendente, essa probabilidade é igualmente muito elevada nos últimos meses de comissão. Deve ser salientado que as comissões eram de 24 longos meses. Hoje tais durações já não são praticadas nas comissões militares em zonas de combate.

No início da comissão o militar vê-se de repente mergulhado no universo hostil que é o teatro de operações, em situação de inexperiência, criando-lhe incapacidade de gerir em simultâneo os muitos riscos que o cercam. A associação de riscos de acidente, em simultâneo com riscos de combate aumenta mais ainda a probabilidade de ocorrerem acidentes nesta fase inicial.

Com o passar dos meses, com a experiência individual e colectiva e a auto-confiança a probabilidade de acidente diminui, podendo considerar-se que esta fase se atinja após dois a três meses de permanência no teatro de operações.

Com o acumular de muitos meses começa a surgir primeiro o excesso de auto-confiança, associado à tendência para o "facilitar", para "ignorar as medidas de segurança". Depois vem a situação de fadiga ou lassidão e quando está à vista o final da missão há a tendência de "baixar a guarda", levando os militares, individualmente, a pensar, antes do tempo, que "desta já estou salvo".

Todas estas representações psicológicas fazem subir as probabilidades de acidentes a níveis iguais ou superiores à situação dos iniciantes.

Os riscos desta fase final é principalmente aplicável no caso de longas durações das comissões como eram as praticadas durante a guerra do ultramar: dois anos acrescidos em geral de mais um mês ou dois - o designado "mata-bicho".

Estes factos colocavam maior peso de responsabilidade nos ombros dos Oficiais e graduados na sua função de, em qualquer situação, fazer respeitar as normas de segurança.

f. Disciplina em campanha

A disciplina é por definição apanágio da organização militar. Ela tem de ser mantida, mas de preferência aceite, ou ainda melhor auto-imposta.

Mas os homens não são perfeitos, nem são todos iguais e surgem sempre comportamentos desviantes. É suposto que as punições tenham um efeito dissuasor dos actos de disciplina.

O problema surge quando uma hipotética punição não cria qualquer dissuasão (vergonha, receio ou incomodidade) ou, ainda, quando os perigos do combate são tais que, comparativamente, uma punição disciplinar não tem importância. Se uma punição implicar que o militar seja transferido de unidade pode até criar-lhe a ideia de que irá para uma situação melhor, pois aquela em que se encontra é a pior do mundo.

Por isso os Comandantes têm de procurar formas imaginativas de manter a disciplina, para além de acenar implícita ou explicitamente com os regulamentos. É por atitudes que levem os militares a sentir estima e admiração pelos seus Comandantes e por medidas que desenvolvam o espírito de corpo e de camaradagem no seio da unidade que a disciplina pode ser mais eficazmente mantida.

Bateria de Artilharia 118 (Escola Prática de Artilharia)

A Bateria 118, como todas as outras unidades teve vários problemas disciplinares principalmente na fase inicial em que a unidade esteve dispersa por seis destacamentos, período em que a acção de comando foi particularmente difícil.

g. Relações de comando

A Bateria 118, como subunidade independente não tinha um comando de Batalhão orgânico com o qual sentisse espírito de corpo. O espírito de corpo sentia-se em relação à EPA que ficara a muitos milhares de quilómetros atrás. A Bateria 118 esteve, pois, na maior parte da sua comissão, em situações de reforço operacional a Batalhões que tinham as suas subunidades orgânicas.

Com mais ou menos razão, surgiram algumas, felizmente raras, circunstâncias em que se desenvolveu a percepção de menor equidade no relacionamento dos comandos de Batalhão com as suas subunidades orgânicas, comparativamente com as subunidades de reforço, designadamente no âmbito da atribuição de missões. Este espírito transparecia através dos vários escalões dentro da Bateria e, em certos casos, não favoreceu o relacionamento entre unidades e prejudicou até a disciplina.

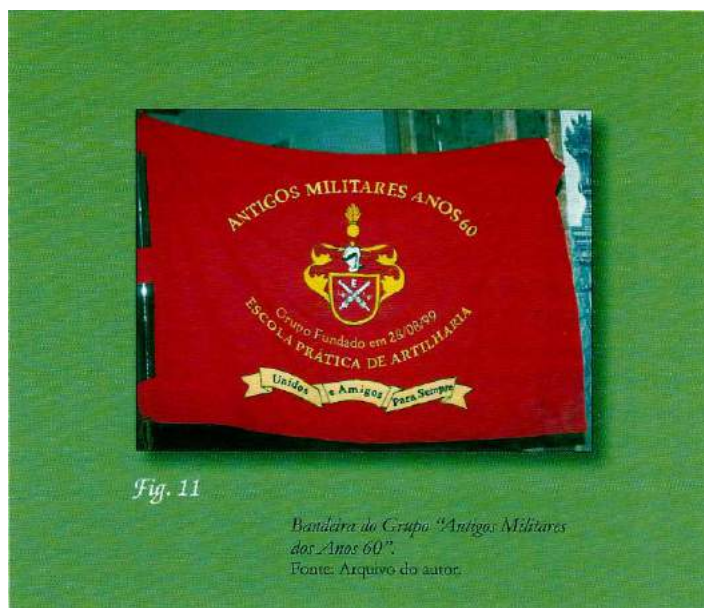
h. Comportamento em combate

Da experiência vivida no seio da Bateria 118 foi possível constatar alguma complexidade e muitas surpresas nos comportamentos individuais em situações de combate. É inegável a existência de uma componente relacionada com a instrução e treino que influencia o comportamento individual e colectivo. O treino transmite autoconfiança, cria automatismos individuais e colectivos. Existe, porém, outra componente relacionada com a personalidade de cada um. Nem sempre o militar mais dócil e disciplinado é o que tem melhor comportamento em combate. Por outro lado, a reacção individual ao medo, também, varia de indivíduo para indivíduo: uns sentem-se paralisados, noutros casos o medo desperta a acção.

Mas no ponto de vista colectivo o que tem mais importância nesta matéria é o comportamento do líder perante os seus homens, quer no momento da acção, quer a representação mental que os homens têm em relação ao homem que os conduz e que pode ter as suas vidas na mão. Esta representação mental é construída com o acumular das experiências passadas que os homens viveram com o seu chefe. É reforçada pelo sentimento de destino comum, parafraseando a fadista "dormir com eles no chão e ter a mesma condição". Se os homens considerarem que ele, líder, tem inteligência, astúcia, experiência, e coragem para os levar à vitória sobre o inimigo é mais fácil motivá-los e galvanizá-los. Neste ponto de vista a vitória pode significar, para todos, sobreviver.

Nas situações de expectativa táctica foram, muitas vezes, expressivos os olhares inquiridores dos subordinados esperando com urgência, do líder a decisão acertada que os levaria à vitória.

Mas no calor dos combates a atitude do líder para ser eficaz tem de ser diferente: ela deve transmitir energia, acção, rapidez; o subordinado não pode ter tempo para pensar mas, apenas, para agir. Se um homem pensa muito, nessas circunstâncias pode ser tolhido pelo medo. É nestes momentos que o lema dos Comandos portugueses "A Sorte Protege os Audazes" atinge o seu clímax.



BIBLIOGRAFIA

Monografias

COMISSÃO PARA O ESTUDO DAS CAMPANHAS DE ÁFRICA - Resenha Histórico-Militar das Campanhas de África 1961-1974, Volumes I (1988) a VIII (2008), Estado-Maior do Exército, Lisboa.

PAIS, Artur Aleixo - EPA: das ()itens ao alvorecer do Iff Milénio, EPA, Vendas Novas, 2009.

Fontes Primárias

Bateria 118 - Quadro Orgânico de Pessoal

Arquivo Histórico Militar -

2/2/145/6 (História da Unidade - Batalhão de Caçadores 109)

2/2/145/3 (História da Unidade - Batalhão de Caçadores 109)

2/2/86/1 (História da Unidade - Batalhão de Caçadores 159)

2/2/147/3 (História da Unidade - Batalhão de Caçadores 184)

2/2/154/4 (História da Unidade - Batalhão de Cavalaria 345)

2/2/156/12 (História da Unidade - Cmd Agr n.º4)

Ordem de Serviço n.º 106, de 1961, da EPA

Ordem de Serviço n.º 107, de 1961, da EPA,

Ordem de Serviço n.º 115, de 1961, da EPA

Ordem de Serviço n.º 122, de 1961, da EPA

Ordem de Serviço n.º 132, de 1961, da EPA

Ordem de Serviço n.º 173, de 1961, da EPA

Ordem de Serviço n.º 186, de 1961, da EPA

Ordem de Serviço n.º 195, de 1961, da EPA

Ordem de Serviço n.º 199, de 1961, da EPA

Ordem de Serviço n.º 202, de 1961, da EPA

Ordem de Serviço n.º 213, de 1961, da EPA

Ordem de Serviço n.º 270, de 1961, da EPA

Ordem de Serviço n.º 272, de 1961, da EPA

Ordem de Serviço n.º 276, de 1961, da EPA

Ordem de Serviço n.º 278, de 1961, da EPA

Ordem de Serviço ri.º 293, de 1961, da EPA

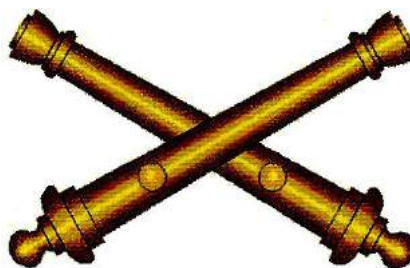
Ordem de Serviço ri.º 004, de 1962, da EPA

Ordem de Serviço n.º 025, de 1962, da EPA

Ordem de Serviço n.º 039, de 1962, da EPA

Ordem de Serviço n.º 043, de 1962, da EPA

Ordem de Serviço n.º 210, de 1962, da EPA



Bateria de Artilharia 118 (Escola Prática de Artilharia)



Cerimônia de despedida da Bateria 118.



Desfile da Bateria 118 perante as forças em parada.

Bateria de Artilharia 118 (Escola Prática de Artilharia)



Desfile da Bateria 118 nas ruas de Vendas Novas.



Formatura da Bateria 118 na Parada Reis Fisher.



Cerimónia de despedida da EPA - O Comandante da Bateria 118 recebe uma imagem de Nossa Senhora de Fátima oferecida pela população de Vendas Novas.